

CLIPPING SEMANAL DE MINERAÇÃO 06 a 11 outubro de 2014

(Coordenação: Karen C. Nasser de F. Borges, Ad Hoc Consultores Associados Ltda)

DESTAQUES DA SEMANA

O noticiário semanal traz como destaque “o fim da era do ferro” e uma espécie de reedição do fenômeno conhecido no final da década de 1980 com “*the race for the bottom line*”, numa tradução livre, algo com uma “corrida pelos níveis mínimos”, equivalente a produzir pelo menor custo possível e vender com a menor margem possível. Um cenário que, como se viu no passado não se sustenta no longo prazo.

As perspectivas de excesso crescente de oferta minério de ferro no mercado, combinadas com uma esperada queda na demanda da China, provocaram uma queda brutal do preço do minério de ferro em um espaço de tempo relativamente curto (pouco mais de 50% em três anos), levando os arautos das frases grandiosas a anunciar o que seria o fim de era, que na verdade sequer existiu, ou sequer acabou, dependendo de como se analise a situação.

Falar em “fim de era do ferro” é superestimar um episódio de alta de preços que, embora prolongado em relação às médias históricas, não caracteriza uma “era”. Da mesma forma, além de ser a segunda commodity mais comercializada nos mercados internacionais, perdendo apenas para o petróleo, o ferro ainda é um material básico, indispensável e disseminado, essencial para a sociedade contemporânea.

Assim, considerando que a demanda ainda será elevada, para não dizer praticamente perene, o que há nesse momento é uma volta à racionalidade dos dois lados do mercado. De um lado, os produtores, cientes que a manutenção de um preço muito elevado em relação aos custos de produção resulta em um estímulo exagerado ao aumento da oferta e ao surgimento de novos competidores, mudaram o foco de sua estratégia para a redução dos custos em vez de pressionar para o aumento dos preços. De outro, os consumidores estão revendo sua propensão em pagar preços irracionais, sustentados por razões de conveniência política ou estratégica.

Como consequência dessa convergência entre oferta e demanda por preços mais racionais, reabriu-se uma nova corrida pelos custos mínimos, no lado da oferta, e pelos menores preços, pelo lado da demanda. Um cenário que permitirá aos produtores mais eficientes expandirem sua produção, sem ter como motivação o aumento da demanda, mas sim a ampliação de sua fatia de mercado, e aos consumidores reduzirem os seus custos de suprimento.

Embora as tendências do cenário apontem para uma freada nos investimentos em pesquisa mineral e na abertura de novas minas ou expansão de minas em produção, a realidade sugere um processo de maior complexidade, com reflexos mais imediatos no segmento de pesquisa mineral e na descontinuidade dos novos projetos, que estejam em fase inicial de desenvolvimento, enquanto os investimentos em expansão de minas com

mais baixo custo e em redução de custos de minas menos eficientes deverão crescer, a par de uma inexorável tendência à lavra ambiciosa (*highgrading*) e aumento de ricos para a segurança e meio ambiente, por causa da deterioração da capacidade financeira das minas de menor rentabilidade ou marginais, nas quais uma espécie de “inércia sócio-política” impede o fechamento puro e simples.

O efeito desse cenário para o Brasil, em particular, tende a ser desastroso, pois diante de nossos principais concorrentes, tanto no nível corporativo (das grandes empresas de mineração internacional) quanto nacional (dos países concorrentes), nossa excessiva dependência do minério de ferro é uma grande desvantagem.

Um exemplo claro dessa desvantagem é ilustrado pela seguinte declaração do presidente da Anglo American, Mark Cutfani: “Tenho nove outras commodities com prognósticos diferentes [dos do minério de ferro]. Vamos esperar que o mercado de minério de ferro caia de volta a um equilíbrio razoável”.

Como a maioria das grandes empresas brasileiras de mineração não foi bem sucedida, nos últimos anos, na diversificação de seu portfólio mineral, o Setor Mineral Brasileiro deverá amargar perdas significativas de receitas e investimentos ao longo dos próximos anos, pois, apesar da deterioração dos preços em relação ao período de exuberância cujo pico se deu em 2011, a verdade é que, em termos históricos, esses preços ainda estão bastante altos e relativamente bem equilibrados, quando comparados, por exemplo, como os preços do petróleo e outros índices com os quais tem boa correlação. De fato, preços em torno de US\$ 80-90 ainda são bastante atraentes para produtores que tenham custos baixos e custos razoáveis de logística, como os principais produtores da Austrália, por exemplo.

Assim, nessa nova corrida ou “*race for the bottom line*”, representado por um cenário comercial de margens decrescentes, o Brasil larga em desvantagem por não ter feito o “dever de casa” nos últimos anos.

Infelizmente, a percepção equivocada da realidade do Setor Mineral, levou os formuladores de nossa política mineral a traçarem uma estratégia baseada no aumento da arrecadação e no direcionamento político dos investimentos em mineração, partindo da premissa de que os preços crescentes de mercado vieram para ficar, sem considerar os riscos óbvios da volatilidade.

Ao propor uma reforma visando o estímulo à expansão da pesquisa e da produção mineral, o Governo optou por um caminho contraproducente. Em vez do fomento à pesquisa mineral e à redução dos custos de produção, almejados pelos diferentes segmentos do Setor Mineral, que pleiteiam, entre outros incentivos, o livre acesso ao subsolo e à livre negociação de áreas de pesquisa mineral, a expansão da oferta de infraestrutura competitiva (energia, transporte, portos etc.) e de redução dos ônus regulatórios (tributação, custos de mão de obra, lentidão burocrática e insegurança jurídica), a muito pleiteada pela indústria.

Na tentativa de buscar o controle total sobre o direcionamento dos investimentos e dos ganhos dos agentes privados que atuam na mineração, a pretexto de ampliar a eficiência da apropriação dos ganhos das empresas de mineração pela sociedade, o Governo abandonou, quase por completo, as ações voltadas para o fomento à pesquisa mineral, exercendo um controle inédito sobre a outorga dos direitos de pesquisa e lavra, a ponto de comprometer os processos de descoberta de novos recursos e de diversificação da base produtiva. A par dessas medidas, emitiu para o mercado sinais que indicam um aumento de carga tributária sobre a produção mineral e o aumento dos custos e da dificuldade em se obter outorgas para a pesquisa e a lavra de minerais.

Como resultado, na nova corrida pela competitividade que se abriu no mercado internacional de mineração, a exemplo das piores equipes de Fórmula 1, estamos largando na última fila, com um carro desequilibrado, usando pneus lisos sob um clima de fortes chuvas, sem quaisquer chances de pensar em pódio na corrida e, pior ainda, com alto risco de perdermos o patrocínio para as próximas temporadas...

Luciano de Freitas Borges –Ad Hoc Consultores Associados Ltda.

1-06/10/2014

Disputa pela Usiminas terá novos lances

A semana começa com a expectativa de novos lances na crise societária envolvendo os dois principais acionistas controladores da Usiminas – os japoneses liderados pela gigante do aço Nippon Steel & Sumitomo e os argentinos da Ternium, uma siderúrgica controlada pelo grupo Techint, da família Rocca. São esperadas decisões tanto da Justiça, onde já duelam, quanto de um contra-ataque dos japoneses ou mesmo da retomada de entendimentos dos dois lados.

Com o acirramento da desavença na última quinta-feira, espera-se uma possível reação do grupo de acionistas japoneses, geralmente mais cautelosos nas decisões. Ao anunciar a compra da participação minoritária do fundo pensão Previ na Usiminas, o fato chocou o alto comando da Nippon Steel & Sumitomo e seus parceiros japoneses – Mitsubishi e Metal One.

Segundo apurou o Valor com fontes, o grupo japonês se sentiu traído pela Ternium, que, segundo diz, teria rompido entendimentos firmados durante a costura do acordo de acionistas no fim de 2011, bem como pela Previ, que era sua sócia na Usiminas desde 1991 e tinha uma relação de boa convivência.

Com os 10,2% de papéis adquiridos do fundo de pensão, a Ternium tornou-se a principal acionista do bloco de controle da siderúrgica, embora essas ações não estejam vinculadas ao acordo de acionistas, onde são tomadas as decisões estratégicas. Mas mostrou-se uma tacada de mestre de Paolo Rocca, acuando os japoneses. Para especialistas, o movimento configura uma estratégia de tomada hostil do controle da Usiminas, com mais compra de ações e tentativa de anular o acordo de acionistas.

Ontem, estava agendado um encontro dos altos escalões de cada grupo em Moscou, capital russa, onde ocorre o evento anual da World Steel Association e a maioria de presidente das grandes siderúrgicas mundiais estariam presentes. Fariam parte da reunião, segundo fontes, Paolo Rocca e Daniel Novegil, pela Ternium, e Shoji Muneoka e Kosei Shindo, chairman e CEO da Nippon, e Eiji Hashimoto, que é conselheiro de Usiminas.

Todavia, para a Ternium, a decisão mais aguardada, entre hoje e amanhã, é o despacho que será proferido pelo desembargador da segunda instância do Tribunal de Justiça de Minas Gerais. A expectativa é que ele acate o agravo de instrumento da Ternium, impetrado no início da semana passada, com objetivo de obter liminar que torne sem efeitos as decisões tomadas na última reunião do conselho de administração da Usiminas.

Até agora, ela amargou duas derrotas. O juiz da primeira instância negou pedidos de liminares do dia 24 de setembro e do dia 29, após a tumultuada reunião do conselho no dia 25. A primeira ação visou barrar o colegiado de conselheiros e a segunda para restituir a seus cargos o presidente da Usiminas e dois vice-presidentes afastados em eleição do conselho.

Os advogados da Ternium sustentam que houve violação do acordo de acionistas firmado em 2012, que vai até 2032. Pelo acordo, a reunião não poderia pôr em votação decisões sem consenso das duas partes nas reuniões prévias. Mas ele também não prevê solução em caso de divergências.

Julián Eguren, Paolo Bassetti e Marcelo Chara, ligados à Ternium foram indicados pelos argentinos no início de 2012 para compor a diretoria-executiva da Usiminas, em acordo com japoneses. Já a Nippon indicou o presidente do conselho, também em consenso. Para ter equilíbrio de poder na empresa, os dois maiores cargos são divididos entre os sócios.

Problemas entre os dois lados, envolvendo os três diretores argentinos, começaram a surgir já em maio de 2012, conforme relatórios de auditorias interna e externa, que apontaram pagamentos irregulares de bônus especiais, conhecidos como “bônus car”. Para a Nippon, esses bônus não tinham a aprovação do conselho. No todo foram R\$ 925 mil até fevereiro deste ano, sendo devolvidos R\$ 496,8 mil no mesmo período.

As ações com direito a voto (ON) da Usiminas tiveram ganho expressivo na BMF&Bovespa na sexta-feira e encerraram o pregão com alta de 19,7%, a R\$ 7,90. Os papéis preferenciais classe A (PNA), por sua vez, subiram 6,21%, para R\$ 6,84%, na maior alta do Ibovespa. Parte dos ganhos, segundo analistas, também refletiu o fato de muitos investidores estarem vendidos na ação e terem corrido ao mercado para comprar papéis, após o acordo Ternium-Previ. (Colaborou Stella Fontes)

Fonte: Valor Econômico

2-06/10/2014

BHP busca cortar custos de minério de ferro para ser fornecedora mais barata

Reuters

LONDRES/MELBOURNE (Reuters) - A BHP Billiton pretende reduzir seus custos de produção de minério de ferro em mais de 25 por cento e extrair mais toneladas de suas minas, uma vez que visa ultrapassar a rival Rio Tinto como a produtora mais barata do mundo, disse a maior mineradora do mundo nesta segunda-feira.

A BHP, a terceira maior produtora de minério de ferro atrás da brasileira Vale e da Rio Tinto, delineou o plano de corte de custos e expansão mesmo com os preços do minério de ferro tendo caído 42 por cento neste ano, uma vez que a companhia vê a demanda aumentando a médio prazo.

"Vamos continuar a espremer o limão porque no final do dia isso é agregador de valor", disse Jimmy Wilson, chefe da divisão de minério de ferro da BHP, a repórteres em uma videoconferência.

O foco das companhias deslocou-se para o corte de custos enquanto os preços do minério de ferro caíram de cerca de 190 dólares a tonelada em 2011 para menos de 80 dólares agora, despencando para mínimas de cinco anos enquanto o crescimento da oferta das megaprodutoras ultrapassou o crescimento da demanda em mais que o dobro.

A BHP disse que pretende reduzir os custos de produção, excluindo frete e royalties, para menos de 20 dólares por tonelada, no médio prazo, ante 27,50 dólares para o ano financeiro de 2014. Isso se compara com o custo em dinheiro da Rio Tinto de 20,40 dólares a tonelada no primeiro semestre de 2014.

(Silvia Antonioli e Sonali Paul)

3-06/10/2014

Mercado procura um sistema de preços mais realista para o minério

Por **Financial Times**

O que determina o preço do minério de ferro? Como para a maioria das commodities, a resposta óbvia é a oferta e a demanda. O mercado, no entanto, não é um árbitro tão claro como a teoria econômica sugeriria.

As indústrias de mineração e siderurgia costumavam determinar o preço do minério de ferro a partir de contratos anuais. Mas, quando a China superou o Japão como maior consumidor do minério de ferro comercializado internacionalmente por mar, esse sistema começou a ruir.

Assim como aconteceu anteriormente com petróleo, alumínio e carvão, o setor de minério de ferro abandonou os contratos anuais em 2010 e passou a valer-se de um novo sistema, com um índice do mercado à vista - normalmente, o índice Platts de Minério de Ferro. O mercado evoluiu mais desde então, passando em grande medida para os contratos de curto prazo, que refletem melhor os preços do mercado.

Críticos do sistema de precificação por índices dizem que aumentou a volatilidade e caiu a visibilidade dos lucros das grandes mineradoras. Outros dizem que o mercado à vista ainda não é líquido o suficiente para proporcionar informações precisas de preço.

"Dez por cento ou menos do minério de ferro transportado por mar é negociado no mercado à vista, e isso determina o índice de preços", diz um trader do mercado.

"Vemos que muitos participantes no mercado à vista são fornecedores de alto custo e baixo grau de qualidade de minério ou usinas siderúrgicas em dificuldades, que podem ter problemas para obter cartas de crédito de bancos chineses para comprar minério."

Ele diz que a solução é que os grandes produtores coloquem mais minério no mercado à vista, algo que relutam em fazer.

O preço referencial reflete apenas em parte o que uma mineradora espera ganhar. O minério é vendido em muitas formas e graus de qualidade, com o referencial sendo um teor de 62%. As grandes mineradoras e comercializadoras misturam a produção. Alguns acham que a China vai querer um minério de qualidade cada vez maior, com o que este passaria a ter um preço bem melhor.

Da mesma forma que acontece com muitas commodities, a melhor proteção das mineradoras contra quedas de preço é produzir com o menor custo possível. Para isso, elas precisam ter conhecimento preciso sobre qual é a sua "curva de custos" e qual é a dos principais concorrentes.

Se alguma nova fonte de oferta surge com custos competitivos, o preço em que a demanda é atendida cai. As minas que se encontram mais acima na curva de custos, então, deixam de ser competitivas e param de produzir.

4-06/10/2014

Demanda cai, oferta cresce e era do ferro chega ao fim

Por James Wilson e Neil Hume | Financial Times

O ferro é um dos elementos mais abundantes na Terra, mas extraí-lo do solo de forma eficiente pode ser uma árdua tarefa. Serpenteando pelas baixas montanhas esverdeadas do sul do Brasil há um mineroduto de 530 quilômetros, uma conexão decisiva do projeto Minas-Rio, de US\$ 8,2 bilhões, da Anglo American, para extrair minério de ferro do interior do país e transportá-lo a um novo porto no Oceano Atlântico. Com

custo final bem acima do orçamento original, de US\$ 3,6 bilhões, e com dois anos de atraso, o Minas-Rio enfim está próximo de começar a transportar minério para os navios.

Por anos, projetos de mineração gigantescos como esse consistiram na espinha dorsal da expansão econômica mundial. O minério de ferro, commodity mais importante do mundo depois do petróleo, vinha sendo devorado pelas siderúrgicas chinesas, consolidando-se como a principal matéria-prima da onda de crescimento mundial puxada por obras de infraestrutura.

O Minas-Rio, no entanto, está para entregar suas primeiras remessas em um mundo bem menos acolhedor. O preço do minério de ferro despencou mais de 40% no ano, o pior desempenho entre os metais e as commodities a granel em 2014. De um preço médio de US\$ 135 por tonelada em 2013, o contrato referencial do minério de ferro na semana retrasada caiu para menos de US\$ 80 pela primeira vez desde a crise financeira mundial.

"O mercado de minério de ferro está em meio a uma transição sem precedentes na recente história das commodities", segundo o banco australiano Macquarie.

Por trás da mudança há um grande aumento nas exportações de minério de ferro - não apenas as novas 26,5 milhões de toneladas que o Minas-Rio vai trazer ao mercado quando estiver operando integralmente em 2016. Vale, Rio Tinto e BHP Billiton, os três produtores dominantes no mundo, elevaram sua produção combinada de menos de 700 milhões de toneladas, há três anos, para bem mais de 800 milhões de toneladas, com planos para aumentá-la ainda mais em poucos anos, para 1 bilhão de toneladas. A Fortescue, quarta maior produtora, viu sua produção subir de 41 milhões para 124 milhões de toneladas no mesmo período e prevê chegar a 155 milhões neste ano. A Hancock Prospecting projeta ter 55 milhões de toneladas adicionais por ano na mina Roy Hill, na Austrália, que começará a enviar suas remessas em 2015.

Mark Cutifani, executivo-chefe da Anglo American, diz que as mineradoras "cozinham demais a torta da oferta", em meio à onda de alta das commodities - e o minério de ferro é o exemplo mais revelador disso.

O tsunami de oferta não é o único fator a pesar sobre os preços. Receios quanto à desaceleração da demanda na China, maior produtor de aço e maior importador de minério de ferro por mar do mundo, também influenciam. "Tendo em vista que dois terços do minério de ferro comercializado acabam na China, a demanda chinesa por minério e a produção doméstica chinesa são fatores importantes para o preço mundial", afirma a consultoria CRU, de Londres.

A desaceleração no setor imobiliário residencial da China, onde a expansão da construção civil deixou muitas áreas em situação de excesso de oferta e de queda de preços, levou ao enfraquecimento da demanda por aço. Diferentemente do ocorrido durante a grande onda de vendas de 2012, quando estímulos do governo ajudaram os

preços a se recuperar, é improvável que desta vez Pequim altere sua política drasticamente.

"Se a oferta foi o motivo da fraqueza do minério de ferro na primeira metade do ano, o problema agora é a demanda", diz Colin Hamilton, chefe de análise de commodities no Macquarie.

Recente informe do Goldman Sachs alertou para o potencial de uma longa tendência de declínio dos preços. Em 2014, houve "um ponto de inflexão, em que a nova capacidade de produção finalmente se equiparou ao crescimento da demanda e as margens de lucro iniciaram sua reversão para a média histórica [...] o fim da Era do Ferro chegou."

Tendo em vista que o minério de ferro representa entre 50% e 90% do lucro das três maiores mineradoras do mundo, uma forte queda nos preços alarmaria os acionistas, que clamam por melhores retornos num setor cujo desempenho já é considerado insuficiente. A BHP Billiton engavetou um plano de recompra de ações em agosto, atribuindo a decisão à deterioração da perspectiva de preços das commodities.

Para os produtores de menor escala em países emergentes, os problemas são existenciais; e até reformulações, com mudanças de controle, estão em discussão. Na África Ocidental, alguns dos países mais pobres do mundo haviam depositado suas esperanças de desenvolvimento, em parte, no minério de ferro. Mas em Serra Leoa e Libéria, mineradoras menores, como a African Minerals e a London Mining batalham para levantar dinheiro e evitar um colapso. No início de setembro, as ações da London Mining, listada em Londres, caíram mais de 60% depois de a mineradora ter comunicado que precisava de mais fundos e negociava uma injeção de capital com um investidor.

O mercado de minério de ferro passa por uma transição sem precedentes na história recente das commodities

Que as mineradoras tenham colaborado tanto para reduzir os preços ao elevar demais a oferta é, para alguns, o exemplo perfeito da capacidade cíclica que o setor demonstra de sempre mirar as estrelas, mas acabar acertando o próprio pé. "O crescimento do minério de ferro é bom, mas é preciso prestar atenção à oferta. O minério de ferro está sob pressão, porque todos estão somando-se a esse aumento [de produção]", afirma Ivan Glasenberg, executivo-chefe da Glencore, a maior mineradora sem minas de minério de ferro.

Evy Hambro, chefe da equipe de renda variável de recursos naturais do BlackRock, diz que "as grandes vêm mostrando maior disciplina fiscal, mas precisam manter-se nesse caminho. O mercado de minério de ferro já está em superávit [de oferta], portanto as mineradoras precisam decidir se é ou não sensato gastar mais dinheiro somando toneladas adicionais".

Os grandes produtores argumentam que agem de forma lógica. Por terem vastas operações e custos menores, presumem que podem suportar a queda nos preços, enquanto as rivais precisam abandonar o mercado.

O executivo-chefe da Rio Tinto, Sam Walsh, insiste que isso está funcionando. Calcula que 85 milhões de toneladas já deixaram de entrar no mercado por não terem preços competitivos e espera que mais 125 milhões sigam o mesmo caminho até o fim do ano.

"Obviamente, vem ocorrendo um ajuste [...] Tudo isso é oferta e demanda em funcionamento", diz Walsh. Ele acredita que o mercado apresenta às mineradoras um "dilema do prisioneiro". Nenhuma empresa pode abster-se de produzir mais: as demais preencheriam a lacuna e o preço cairia da mesma forma. As concorrentes ganhariam um "pênalti" para cobrar.

"As pessoas, de forma bem simplista, dizem 'Se você tirar 100 milhões de toneladas, não estaríamos todos bem melhor?', diz. "A resposta é não. Parte dessa capacidade vai entrar, vinda de outras partes." A Rio Tinto, a produtora com menor custo, "deveria ser a última a cortar capacidade".

As ações das mineradoras também podem ser vistas como uma tentativa de separar-se das concorrentes. O trio de empresas que domina o mercado - Rio Tinto, BHP Billiton e Vale - pode crescer em número: a Fortescue vai produzir neste ano a metade do que a Vale, tendo começado do zero em 2008.

O executivo-chefe da Fortescue, Nev Power, diz que sua empresa ajudou a trazer os preços do minério de volta para um patamar "mais sustentável e competitivo".

Um executivo de um projeto de minério de ferro africano comenta que as maiores mineradoras já "abriram a porta para a Fortescue. A última coisa que querem fazer [agora] é abrir a porta para produtores na África Ocidental". "Então, eles estão elevando a tonelagem. Querem acabar com os outros produtores e fazer todo mundo morrer de medo para que ninguém mais construa outra mina de minério de ferro."

Até agora, no entanto, a oferta não influenciou o mercado como ditaria a lógica econômica. Houve cortes de produtores secundários em países como Irã, Indonésia e México, assim como em minas privadas de alto custo na própria China. Outras atividades da mineração chinesa e da indústria siderúrgica, no entanto, são controladas por grandes siderúrgicas estatais, em que a prioridade são os empregos, não lucros.

"A reação dos produtores de alto custo [...] certamente vem sendo bem mais lenta do que eu esperaria e do que a maioria no setor imaginaria", disse Power. "Mas, inevitavelmente, isso precisa acontecer [...] então, o preço do minério de ferro vai ficar baixo por tempo suficiente para que essa oferta saia do mercado. Essa é uma realidade econômica."

A demanda também não dá sinais de que voltará aos altos patamares dos últimos dez anos. O vice-presidente da Associação Chinesa do Aço e Ferro disse em conferência na semana retrasada que o consumo aparente de aço bruto pela China - ou seja, excluindo as exportações líquidas - caiu 1,9%, para 61,9 milhões de toneladas em agosto. Foi o primeiro declínio em 14 anos.

Hamilton diz que as usinas chinesas vêm reduzindo a produção de forma acentuada porque a demanda está fraca e não podem vender mais para um mercado de exportação saturado. "Nesse ambiente, vão querer ter menos minério de ferro, em particular porque os preços do aço estão caindo mais do que os do minério de ferro atualmente", diz. Os contratos futuros de vergalhões, um produto siderúrgico usado na construção, atingiram seus menores preços históricos.

Os baixos preços do minério de ferro são o "novo status quo", disse o presidente da Baoshan Iron & Steel, segunda maior siderúrgica da China, na conferência.

Tim Murray, da J Capital Research, vê uma correção em andamento nos preços do mercado imobiliário chinês, com o índice de novas construções tendo ficado negativo por cinco meses consecutivos. "Veremos uma redução de 20% na demanda da construção nos próximos 12 meses."

Além dos problemas de curto prazo de demanda, há uma preocupação maior, a de que o apetite chinês por aço - e, portanto, também por minério de ferro - esteja chegando a seu pico. A firma de consultoria CRU, contudo, avalia que o "pico do aço" vai demorar pelo menos mais cinco anos para chegar, já que o país continua a ter crescimento absoluto na construção civil.

As mineradoras identificam perspectivas de crescimento de longo prazo em outras regiões, como Índia e África. Ainda assim, embora ambas possam acabar seguindo a trajetória da China, não o fariam com o mesmo vigor.

As grandes mineradoras de minério de ferro ainda não se deixaram dominar pelo pânico. Segundo analistas do UBS, a Rio Tinto e a BHP Billiton podem equilibrar custos e receitas entregando minério de ferro da Austrália para a China a preços mínimos de até US\$ 45 e US\$ 50, respectivamente. "Mesmo com o minério de ferro a US\$ 80 já é um negócio realmente muito bom", afirma Chris LaFemina, analista do Jefferies.

Se as mineradoras tiverem avaliado mal, no entanto, e os preços do minério de ferro caírem ainda mais, a sacudida poderia afetar os acionistas. A corretora britânica Liberum acredita que, pelos atuais preços do minério de ferro, nem Rio Tinto nem BHP Billiton podem cumprir suas promessas de retorno de capital para 2015 e ao mesmo tempo manter suas metas de endividamento líquido, embora outros analistas mostrem-se mais confiantes quanto à capacidade de as mineradoras cumprirem seus planos.

Na Anglo American, não se fala sobre a segunda fase do Minas-Rio, que antes era tão aguardada, mas da satisfação com outros produtos da mineradora, como diamantes e cobre, que proporcionam certa proteção contra a batalha sendo travada no mercado de minério de ferro. "Tenho nove outras commodities com prognósticos diferentes [dos do minério de ferro]", diz o executivo-chefe Cutifani. "Vamos esperar que o mercado de minério de ferro caia de volta a um equilíbrio razoável." (**Tradução de Sabino Ahumada**)

5-06/10/2014

CPRM participa de workshop sobre ações para enfrentamento de desastres

O diretor de Hidrologia e Gestão Territorial da CPRM, Thales Sampaio foi um dos palestrantes do evento, realizado em Brasília, nesta quarta-feira (2/10). Na ocasião, ele destacou que a missão da instituição é gerar e difundir o conhecimento geológico e hidrológico necessário para o desenvolvimento sustentável do País. O diretor explicou as ações desenvolvidas pela CPRM no contexto do Plano Nacional de Gestão de Riscos e Resposta a Desastres Naturais. Sampaio anunciou que a CPRM já mapeou áreas de risco alto e muito alto, em 823 municípios, cumprindo a meta estabelecida pelo governo; e já elaborou 169 Cartas de Suscetibilidade, que indicam áreas suscetíveis a movimentos de massa, enchentes e inundações, até dezembro 286 municípios irão ganhar o estudo.

Segundo Sampaio, a CPRM ficou responsável por identificar e setORIZAR áreas de risco alto e muito alto a movimentos de massa e inundações; além de elaborar cartas municipais de suscetibilidade a movimentos gravitacionais de massa e inundações; desenvolver e implementar o Sistema de Cadastro de Deslizamentos e Inundações (SCDI); e ministrar cursos de capacitação para técnicos municipais na gestão de riscos, sendo que, já foram treinados 1.400 técnicos de diversas regiões do País.

“O mapeamento de áreas de risco serve para fazer prevenção, monitoramento de alerta e resposta. É necessário saber onde estão as áreas de risco e quais são suscetíveis a serem transformadas em áreas de risco se forem ocupadas”, frisou Sampaio, ressaltando a importância do trabalho para auxiliar a Caixa na concessão de financiamento para moradias. “Os dados estão sendo repassados à Caixa para que não haja financiamento para construção em áreas de risco”, informou. Segundo o diretor os dados coletados pela CPRM são compartilhados com Cenad, Cemadem, prefeituras e Defesa Civil. “Indicamos ainda quais intervenções estruturais devem ser feitas, tais como: obras de contenção de encostas e drenagem e sugerimos a retirada de pessoas se for o caso”, explicou.

O diretor citou ainda o sistema de monitoramento hidrológico da CPRM que monitora os principais rios do País. Ele citou que as previsões feitas pelo sistema são fundamentais para alertar a população da Amazônia, Pantanal e dos municípios da Bacia do Rio Doce, em Minas Gerais, sobre eventuais cheias. “Nossa meta é até o final de 2015, estarmos com 15 sistemas de alertas em funcionamento”, disse Sampaio que, comentou sobre a implantação da rede estratégica de poços no semiárido, que está sendo

instalada pela CPRM para levar água de qualidade à população. “Já perfuramos 21 poços, com profundidades que variam de entre 400 e 1200 metros e previsão de produção de 2.166 m³ de água por hora. “Esses poços podem abastecer 1 milhão de pessoas com água de qualidade”, disse o diretor.

O 1º Workshop sobre ações para enfrentamento de desastres é organizado pelo Conselho Curador do FGTS, Caixa e Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil, do Ministério da Integração Nacional. O objetivo do evento é discutir as ações do governo federal, seus impactos nas fases do desastre e as possibilidades de melhorias para os processos. Participam do workshop, representantes da Casa Civil, Ministério das Cidades, Ministério da Defesa, Ministério da Saúde, Ministério do Desenvolvimento Agrário, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

Pela CPRM, além do diretor Thales Sampaio, participaram dos debates nas sessões temáticas sobre Prevenção/Preparação, Resposta, Recuperação, Seca/Estiagem, FGTS e Inovação, Cassio Roberto da Silva, chefe do Departamento de Gestão Territorial (Deget); e os geólogos Rodrigo Gallo, Dario Peixoto, Andréa Trevisol, Vivian Fernandes e Douglas Cabral.

Fonte: CPRM

6-06/10/2014

ITV abre inscrições para mestrado profissional

O Instituto Tecnológico Vale (ITV) abre inscrições para a terceira turma do curso de mestrado profissional. As inscrições vão até 14 de novembro e o processo seletivo, com as diversas fases, ocorrerá nos meses de outubro a dezembro. As aulas terão início em março de 2015. Serão ofertadas 20 vagas. As informações e inscrições completas sobre o mestrado estão no edital do curso, disponível no site www.vale.com/itv.

O curso “Uso Sustentável de Recursos Naturais em Regiões Tropicais” é reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do Ministério da Educação (MEC), e será ministrado na sede do ITV, em Belém. O curso tem duração de dois anos, sendo o primeiro ano para obtenção de créditos e conhecimentos e o segundo, para o desenvolvimento da dissertação.

O mestrado profissional do ITV é o primeiro do gênero a ser oferecido por um instituto vinculado a uma empresa do setor mineral e tem por objetivo formar profissionais aptos a enfrentar questões relacionadas ao aproveitamento sustentável de recursos naturais e atrair e desenvolver talentos com competências voltadas para a mineração.

As duas linhas de pesquisa do mestrado (Sustentabilidade dos Recursos Vegetais e Sustentabilidade na Mineração) são muito abrangentes e o curso aceita profissionais independentemente da formação universitária e que tenham interesse em meio ambiente e sustentabilidade de recursos naturais, como biólogos, geógrafos, geólogos, urbanistas, economistas, engenheiros, entre outros.

O pesquisador associado do ITV e coordenador do mestrado, Everaldo Barreiros, destaca a importância do curso. “Temos a preocupação de formar profissionais especializados, tanto nas necessidades da região onde estamos presentes quanto para o dia a dia da empresa”. Ele também destaca a procura pela formação. “Vamos iniciar a terceira turma do mestrado, prova de que existe uma demanda por esse tipo de formação”.

O perfil interdisciplinar e multifacetado da formação permitirá aos mestrandos seguirem carreira acadêmica ou atuarem no mercado, colocando em prática os resultados de seus estudos e pesquisas.

Instituto Tecnológico Vale (ITV)

O ITV foi criado em 2009 para o desenvolvimento de tecnologia e inovações que possam contribuir para os atuais projetos da Vale e também para desenvolver novas oportunidades de negócios para a Vale. É uma instituição de pesquisa e ensino que trabalha para criar possibilidades futuras, por meio da pesquisa científica e do desenvolvimento de tecnologias, em parceria com a comunidade científica mundial. Há duas unidades do ITV no Brasil: um em Ouro Preto (MG) e outro em Belém (PA). A unidade mineira é focada em mineração e a paraense, em desenvolvimento sustentável.

Para mais informações:

Belém – Tel: 55 91 3215-2460

Carmem Oliveira – carmem.oliveira@vale.com

Parauapebas – Tel: 55 94 3327-4763

Christiano Borges – christiano.borges@vale.com

Fernanda Lacerda – fernanda.lacerda@vale.com

Marabá – Tel: 55 94 3312-4606

Tami Raposo – tami.raposo@vale.com

Fonte: Vale

7-06/10/2014

BHP quer cortar custo em 25% e elevar produção em 30% na Austrália

Por **Renato Rostás** | Valor

SÃO PAULO - A fim de acirrar a competição com as maiores produtoras mundiais, a mineradora BHP Billiton anunciou nesta segunda-feira durante evento em suas instalações no oeste australiano, que pretende cortar em 25% seus custos de produção de minério de ferro, para menos de US\$ 20 por tonelada. Os valores não incluem gastos com carga e royalties — hoje esse patamar é de US\$ 25,89.

Na opinião da anglo-australiana, isso será possível com investimento mínimo, elevando a extração da commodity nas minas e resolvendo alguns gargalos nos portos próximos, para exportar o produto. As iniciativas aumentariam a capacidade produtiva local em cerca de 65 milhões de toneladas por ano — ou quase 30%.

A decisão da BHP de traçar esse rumo contrasta com a atual tendência de queda das cotações de minério de ferro, mas Jimmy Wilson, presidente dessa unidade da mineradora, explicou que a projeção ainda é de boa demanda vindo da China. A produção siderúrgica no país, por exemplo, deve avançar 25% até meados da década de 2020, disse.

“E, ao mesmo tempo, nós vemos outras economias emergentes aumentando a fabricação de aço com a urbanização e a industrialização das nações”, acrescentou. “A taxa média de crescimento anual da produção global deve ficar entre 2,5% e 3% de agora até 2030.”

Para alcançar a capacidade 290 milhões de toneladas de minério de ferro por ano, o grupo quer gastar no máximo US\$ 5 por tonelada em custo de capital. As medidas tornariam a empresa, segundo o comunicado, a mais barata fornecedora do insumo à China — ultrapassando a conterrânea Rio Tinto e a brasileira Vale.

A maior parte das economias de despesas, de acordo com apresentação que balizou a visita de investidores à unidade, viria com otimização de processos e produção de um minério com maior qualidade. Na opinião da BHP, apesar de a perspectiva ser de oferta maior que a demanda pela commodity no médio prazo, o crescimento da quantidade de projetos de baixo custo ainda manterá o setor rentável. “Os altos preços [do minério] na última década incentivaram novos entrantes e levaram os produtores tradicionais a elevarem capacidade”, lembrou Wilson.

Sobre Samarco, projeto de pelotas que opera em conjunto com a Vale no Espírito Santo, a anglo-australiana ressaltou que a expansão para 30,5 milhões de toneladas por ano está dentro do programado para ser finalizada até o término do ano fiscal de 2015.

8-06/10/2014

Destaques

Gerdau na Worldsteel

O presidente-executivo do grupo Gerdau, André Gerdau Johannpeter, será indicado, na próxima terça-feira, em Moscou, durante reunião do conselho e do comitê executivo da World Steel Association, para o cargo de vice-chairman da entidade, apurou o **Valor**. A Worldsteel reúne 170 fabricantes de aço de 65 países produtores no mundo. Seu "board" é composto por 14 representantes de siderúrgicas mais o diretor-geral. Johannpeter já integra esse grupo. Ao ser eleito para o período 2014-2015, o brasileiro se posiciona para ser eleito chairman em outubro de 2015.

9-07/10/2014

Rosenberg: IGP-DI menor se deveu ao minério de ferro

Por Igor Gadelha | Estadão Conteúdo

A desaceleração do Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna (IGP-DI) em setembro ante agosto foi puxada principalmente pela queda no IPA-DI, avaliou nesta terça-feira, 07, o economista da Rosenberg Associados Leonardo Costa França. Segundo ele, o recuo do indicador que mede os preços no atacado foi influenciado, sobretudo, por pressões de queda nos preços de algumas commodities no mercado internacional. Caso essa tendência continue, ele pondera que isso pode ajudar a diminuir a pressão de alta da inflação nos próximos meses.

França destacou que os produtos que mais contribuíram para a volta do IPA-DI para o terreno negativo foram a soja e o minério de ferro, que caíram 5,5% e de 5,45% em setembro ante agosto, respectivamente. De acordo com ele, essa queda anulou a alta do IPC-DI, que apura a evolução de preços do varejo, influenciada principalmente pelo grupo Alimentação, que voltou a subir (0,55%). "Essa queda do IPA-DI deve ter algum efeito no grupo Alimentação (do IPC-DI) daqui para frente, ajudando a não pressionar para cima a inflação", afirmou.

Segundo divulgou hoje a Fundação Getulio Vargas (FGV), o IGP-DI subiu 0,02% no nono mês do ano, após subir 0,06% em agosto. Com isso, acumula altas de 1,62% no ano e de 3,24% nos últimos 12 meses. Entre os três indicadores que compõem o IGP-DI, o IPA-DI caiu 0,18%, após avançar 0,04% em agosto; o IPC-DI cresceu 0,49%, depois de alta de 0,12%; e o INCC-DI subiu 0,15%, contra avanço de 0,08% na mesma base de comparação. A Rosenberg esperava alta de 0,22% no IGP-DI de setembro.

10-07/10/2014

Mineradora Rio Tinto rejeita oferta de fusão da Glencore

MELBOURNE (Reuters) - A mineradora Rio Tinto rejeitou em agosto uma abordagem de aquisição da rival de menor porte Glencore, que criaria uma gigante de mineração e comercialização de 160 bilhões de dólares, justo quando o preço de seu produto mais lucrativo, o minério de ferro, caiu rumo a uma mínima em cinco anos.

A mineradora afirmou nesta terça-feira que a Glencore havia entrado em contato sobre uma potencial fusão em julho, acrescentando que rejeitou a oferta em agosto e que não houve mais contato entre as companhias sobre um acordo.

Uma fusão teria criado a maior mineradora do mundo, superando a BHP Billiton.

"O Conselho da Rio Tinto, após consultas com seus conselheiros jurídicos e financeiros, concluiu por unanimidade que uma combinação não atendia aos melhores interesses dos acionistas da Rio Tinto", disse a companhia em comunicado à bolsa de valores da Austrália.

A Rio Tinto revelou a abordagem após a Bloomberg relatar que a Glencore havia conversado com o maior acionista da Rio Tinto, a estatal chinesa Aluminum Corp of China (Chinalco), para mensurar seu interesse num acordo.

A notícia, que citou pessoas familiarizadas com a situação, afirma que as conversas com a Chinalco aconteceram nas últimas semanas e que a Glencore também estava sondando outros acionistas da Rio Tinto, estudando obstáculos financeiros e regulatórios enquanto ponderava os próximos passos.

A Glencore, que no ano passado comprou a rival Xstrata na maior aquisição da história do setor, vem falando abertamente sobre querer uma fusão com a Rio Tinto, cobiçando seu minério de ferro de baixo custo e alta qualidade, disseram banqueiros.

O minério de ferro preencheria uma lacuna no leque de commodities da Glencore, que já tem posições fortes em cobre, níquel, zinco e carvão.

Acionistas da Rio Tinto disseram que como a maior parte do mercado vê a companhia subvalorizada em ao menos 30 por cento, a Glencore teria que partir para uma aquisição hostil com qualquer oferta que se encaixe com seus próprios obstáculos de retorno.

"Não acho que a Glencore faria uma oferta hostil para tentar assumir a Rio. Seria uma mordida grande", disse o diretor-gerente da Argo Investments, Jason Beddor, sexta maior detentora de ações australianas da Rio Tinto.

11-07/10/2014

VALE RECRUTA MAIS DE 100 PROFISSIONAIS NO PARÁ

A Vale está com mais de 100 vagas abertas para a área operacional na Mina de Sossego, no Pará. As oportunidades são para profissionais de nível médio e técnico das cidades de Parauapebas e Canaã dos Carajás. A mineradora informou que, para participar dos processos seletivos, o candidato deve se cadastrar, "o quanto antes", no banco de currículos de vagas de emprego da empresa, disponível no website da mineradora. É necessário ter mais de 18 anos, ensino médio completo, carteira nacional de habilitação na categoria D e disponibilidade para residir em uma das cidades paraenses. O processo seletivo inclui teste diagnóstico, avaliação psicológica, dinâmica de grupo e entrevista técnica com gestores. O candidato passará ainda por exames médicos.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

12-07/10/2014

ALUNOS DE GEOLOGIA VISITAM DEPARTAMENTO DE PRODUÇÃO MINERAL

Geólogo Oswaldo Barbosa ministrou palestra sobre história da mineração no Brasil. Visita à Brasília contempla, ainda, palestras e procedimentos técnicos do setor

O Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) recebeu nas dependências do Sesc, em Brasília, os alunos dos cursos de Geologia e Engenharia de Minas da Faculdade do Noroeste de Minas (Finom), de Paracatu, que vieram conhecer o órgão que regula o setor mineral brasileiro.

Durante a visita, o geólogo Oswaldo Barbosa ministrou palestra sobre a história da mineração no Brasil; o técnico em mineração Roberto da Silva falou sobre o procedimento de outorga mineral; o engenheiro de minas Mathias Heider palestrou sobre avaliação econômica de projetos de mineração; o geólogo Thiers Muniz Lima sobre economia mineral do Brasil; o engenheiro de minas Roger Romão Cabral falou sobre procedimento de fechamento de minas; a geóloga do DNPM, Sandra Pedrosa sobre geotecnologias aplicadas a mineração e SIGMINE.

O coordenador de Desenvolvimento da Mineração do DNPM, Oswaldo Barbosa, que representou o diretor-geral do órgão, Sérgio Dâmaso, deu as boas-vindas aos alunos e disse que é sempre uma alegria e satisfação a nobre missão de ensinar e dar informações a futuros profissionais de mineração.

A professora do curso de Geologia e Engenharia de Minas de Paracatu, Thaís Pereira, destacou a importância da visita para os alunos. Segundo ela, esse contato é, extremamente, valioso para o aluno que sai da sala de aula e tem contato com a realidade, principalmente, com o órgão tão importante para o país, que é o DNPM. “Para os alunos, é muito enriquecedor para a construção do conhecimento, pois serve também como incentivo para que esses futuros profissionais não parem de estudar, a partir desta experiência, ele passa a galgar novos horizontes e entender que nada é impossível caso ele se dedique para alcançar seus objetivos”, frisou.

Os alunos também visitaram a biblioteca do DNPM que conta com valioso acervo para pesquisa e estudo. Na oportunidade, os estudantes ganharam um Kit contendo 7 bibliografias impressas publicadas pelo DNPM abordando os conteúdos referentes aos cursos de Geologia e Engenharia de Minas.

Fonte: Departamento Nacional de Produção Mineral

13-07/10/2014

DUSOLO CONFIRMA CONTINUIDADE LATERAL DA ZONA DE ALTO TEOR NO ALVO SANTIAGO

A DuSolo Fertilizers informou na última segunda-feira (06/10) que resultados da campanha de sondagem realizada no alvo Santiago, no projeto Bomfim, em Tocantins, apontaram continuidade lateral da zona de alto teor de fosfato. Todos os furos, exceto um, apresentaram alto teor, com mineralização de fosfato em interseções de comprimento significativo próximo ou na superfície.

A área em que é realizada a sondagem é onde a mineradora pretende extrair e processar Fertilizante Natural de Aplicação Direta (Danf, na sigla em inglês). A campanha de sondagem da DuSolo no alvo Santiago teve início em 28 de julho e foi finalizada em 26 dias, com 41 furos de sondagem completos e uma média de 19 metros cada. Segundo a mineradora, a área possui recursos de alto teor suficientes para fornecer muitos anos de produto Danf.

“Nós estamos muito satisfeitos com esse último conjunto de resultados, que reafirmou a continuidade lateral da mineralização de alto teor na área em que planejamos começar a extrair o material para processar e transformar em Danf. Agora está claro, sem sobra de dúvidas, que nós podemos minerar Santiago por anos, por meio de uma cava a céu aberto, conforme planejamos”, disse Paulo Amorim, vice-presidente de Exploração da DuSolo, em comunicado enviado ao mercado nesta segunda-feira.

Segundo a DuSolo, o Danf será vendido para fazendas locais e centros agrícolas nas proximidades do projeto. A mineradora afirmou que os agricultores da região acostumaram a usar o fertilizante natural de aplicação direta em suas colheitas ao longo dos últimos anos, mas, devido a uma recente restrição da oferta, não conseguem mais adquirir o produto na região.

A unidade Danf fica a 29 quilômetros do alvo Santiago e consiste em circuitos de britagem e moagem ligados por um sistema de correia transportadora. Segundo a empresa, o processo permite que o material mineralizado seja separado e depois alimentado nos moinhos de martelos, a fim de atingir o tamanho do grão desejado para o produto final.

“A sondagem em Santiago também apontou interseções estreitas de silte, que permanecem abertas em profundidade e apresentaram teores médios de 5% a 8% de pentóxido de fósforo (P₂O₅). A companhia pretende fazer uso desse material no futuro, como parte da fase 2 dos planos de produção”, afirmou Amorim.

A DuSolo Fertilizers, antiga Eagle Star, é uma mineradora canadense voltada para o desenvolvimento, exploração e aquisição de oportunidades de fosfato no Brasil. Além de Bomfim, a empresa controla o projeto Ruth e o projeto Samba, ambos no Estado do Piauí.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

14-07/10/2014

ARCELORMITTAL ABRE INSCRIÇÕES PARA ESTÁGIO

São 230 vagas distribuídas nos estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Goiás e São Paulo. Há 9 vagas para estágios durante as férias de janeiro e fevereiro

A ArcelorMittal Brasil está com inscrições abertas, até 21 de outubro, para o seu Programa de Estágio 2015. Estão disponíveis 230 vagas distribuídas em todo o Brasil para estudantes de cursos técnico (matriculados ou recém-formados que ainda não realizaram estágio curricular) e superior (conclusão em dois anos). As inscrições devem ser feitas, exclusivamente, pelo site www.arcelormittal.com.br, onde o candidato encontrará todas as informações sobre a seleção.

Esse ano, o candidato também poderá se informar pelas redes sociais: Facebook e LinkedIn. Há também a existência de 9 vagas para estágios de férias, ou seja, realizados durante os meses de janeiro e fevereiro, para as quais qualquer estudante do Brasil pode se inscrever. No caso, essas oportunidades de trabalho são para as usinas de Sabará e João Monlevade, ambas em Minas Gerais.

O Programa de Estágio da ArcelorMittal 2015 visa ajudar na formação do futuro profissional, dando aos estudantes a oportunidade de trabalhar nos processos desenvolvidos pelas diversas áreas da empresa e exercer na prática os conhecimentos aprendidos nas escolas. Os diversos treinamentos previstos e a exposição aos desafios diários da atividade profissional pretendem contribuir para que o jovem se sinta preparado para seu futuro.

As vagas estão distribuídas da seguinte maneira:

Belo Horizonte (MG) – 21 vaga

Cariacica (ES) – 60 vagas

Contagem (MG) – 13 vagas

Itatiaiuçu (MG) – 1 vaga

João Monlevade (MG) – 44 vagas

Juiz de Fora (MG) – 44 vagas

São Paulo (SP) – 15 vagas

Rio de Janeiro (RJ) – 1 vaga

Goiânia (GO) – 1 vaga

Porto Alegre (RS) – 1 vaga

Sabará (MG) – 14 vagas

Piracicaba (SP) – 15 vagas

As áreas de atuação para estudantes de nível superior são: Administração, Psicologia, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Ciências Atuariais, Logística, Ciências Biológicas, Ciências da Computação / Tecnologia da Informação / Sistemas da Informação, Comércio Exterior, Relações Internacionais, Relações públicas / Publicidade e Propaganda / Design gráfico / Jornalismo / Marketing, Direito, Enfermagem, Nutrição, Engenharia Ambiental / Engenharia Mecânica / Engenharia de Produção / Engenharia Elétrica / Engenharia de Minas / Engenharia Civil / Engenharia de Materiais / Engenharia Química.

Para estudantes de nível técnico: Técnico em Administração / Técnico em Eletroeletrônica / Técnico em Mecânica / Técnico Mecatrônica / Técnico em Elétrica / Técnico em Segurança do Trabalho / Técnico em Informática / Técnico em Metalurgia / Técnico em Automação / Técnico em Logística / Técnico em Secretariado.

O candidato selecionado receberá uma bolsa de complementação educacional e benefícios competitivos com o mercado. A admissão está prevista para o início do ano de 2015, de acordo com a programação de cada unidade.

Fonte: Revista Minérios & Minerales

15-07/10/2014

BHP Billiton reduzirá custo em cenário de preços baixos

Por **Thomas Hale e Neil Hume | Financial Times, de Londres**

A BHP Billiton prometeu ontem desafiar o pessimismo que toma conta da indústria do minério de ferro, afirmando que a ampliação de suas operações australianas conseguirá ser lucrativa apesar dos atuais preços baixos.

O ingrediente usado na produção do aço é uma das commodities de pior desempenho neste ano. O preço já caiu mais de 40% para menos de US\$ 80 a tonelada - o menor nível desde 2009 - depois que uma nova onda de fornecimento por via marítima inflou a demanda. Com isso, algumas grandes mineradoras começaram a questionar se as três grandes fornecedoras mundiais - BHP, Rio Tinto e Vale - deveriam manter seus planos de aumento de produção, especialmente com a demanda caindo na China, que é o maior consumidor desta matéria-prima.

Mas a BHP, a maior companhia mineradora do mundo em valor de mercado, prometeu ontem reduzir os custos de produção em suas minas de minério de ferro na região de Pilbara, na Austrália ocidental, em mais de 25%, enquanto tenta superar a Rio Tinto como a produtora mais barata de minério de ferro do mundo.

"Continuaremos espremendo o limão porque no fim das contas isso aumenta o valor", disse Jimmy Wilson, o presidente da divisão de minério de ferro da BHP. "Esses projetos estão bons para serem tocados agora", acrescentou ele. "Não posso fazer nada a não ser isso... É o que nossos acionistas esperam que façamos."

Juntamente com os resultados anuais divulgados em agosto, a BHP esboçou planos para aumentar a produção anual de suas minas de Pilbara de 225 milhões de toneladas para 290 milhões de toneladas, ao custo de US\$ 50 a tonelada de capacidade instalada. A BHP disse que poderá cortar o custo da expansão para cerca de US\$ 30 a tonelada, ou investimento total de cerca de US\$ 2 bilhões.

"Isso não está voltado para a competição - visa melhorar as margens e os volumes de nosso próprio negócio", disse ele.

No geral, a BHP almeja reduzir os custos de produção, excluindo frete e royalties, para menos de US\$ 20 a tonelada no médio prazo, em comparação a US\$ 27,50 no exercício do ano passado. "Qual é a melhor oportunidade individual para direcionar o fluxo de caixa livre? É aumentar os volumes de nossa capacidade instalada", disse Wilson. "Essa é a coisa mais geradora de valor que podemos fazer em nosso negócio."

Fonte: Valor

16-07/10/2014

Freeport vende Candelaria para Lundin por US\$ 2 bilhões

A mineradora americana Freeport-McMoRan anunciou a conclusão do acordo de venda de sua participação de 80% na mina de cobre chilena de Candelaria/Ojos del Salado para o grupo canadense Lundin por US\$ 1,8 bilhão mais US\$ 200 milhões de contingências. Os 20% restantes pertencem a um consórcio japonês, liderado pela Sumitomo.

Após meses de rumores no mercado sobre a possível venda, a operação foi definitivamente concluída e anunciada em uma conferência telefônica feita pelo CEO da Freeport, Richard Adkerson. Segundo ele a empresa está considerando a venda de ativos que não tenham o mesmo potencial crescimento de outros projetos.

Localizada a 20 Km da cidade de Copiapó, capital de Província de Atacama, Candelaria consiste em um depósito do tipo IOCG (ferro, ouro, cobre) explorado desde 1993, por meio de uma lavra do tipo misto, que inclui um grande "open pit" e uma mina subterrânea, com capacidade para produzir 6.000 ton/dia, que produz 168.000 ton./ano de cobre contido.

"Essa transação permitira um avanço significativo no programa de redução de débitos e vem na seqüência da venda, por US\$ 3,1 bilhões, dos ativos de Eagle Shale (Texas)", ocorrida em junho, segundo consta no comunicado da Freeport.

.”Nós estamos empenhados com o a continuidade de nossos investimentos no Chile, por meio de uma grande expansão da operação de El Abra, afirmou a empresa com sede em Phoenix, Arizona. El Abra é uma com a estatal chilena Codelco.

O presidente da Lundin, Paul Conibear, afirmou, por seu turno, que “a aquisição de Candelária representa uma oportunidade única de obter uma operação de cobre de grande-escala e alta qualidade, com um fluxo de caixa robusto eem uma excelente jurisdição mineira.

Candelária é o primeiro ativo adquirido pela Lundin na América Latina, empresa que já possui minas de cobre, zinco e níquel na Europa, África e nos EUA. A finalização dos detalhes da transação deverá ser concluída, segundo informou a Lundin, até o final de 2014,

Fonte: Juan Andres Abarca, Mining & Money, Monday, October 6, 2014 (Tradução equipe Ad Hoc Consultores Associados Ltda)

17-08/10/2014

Ternium tem nova derrota na Justiça de Minas

A disputa travada pela siderúrgica argentina Ternium, controlada do conglomerado Techint, contra os japoneses liderados pela gigante mundial do aço Nippon Steel & Sumitomo – deverá ganhar novos contornos nos tribunais da Justiça de Minas Gerais. Ontem, a Ternium perdeu mais um round na briga ao ver negado seu pedido de ação liminar que anulasse decisões do conselho de administração da Usiminas.

Fonte: Valor

18-08/10/2014

Tucano quer agilidade em novo código de mineração

Por **Daniel Rittner | De Brasília**

Sob pressão dos prefeitos de Minas Gerais, seu berço político e onde foi derrotado no primeiro turno das eleições presidenciais, o candidato tucano Aécio Neves pretende aprovar rapidamente o novo código de mineração caso chegue ao Palácio do Planalto em janeiro de 2015. Uma reforma na legislação do setor tramita no Congresso Nacional, com poucos avanços, desde junho do ano passado. O projeto de lei apresentado pela presidente e candidata à reeleição Dilma Rousseff (PT) foi alvo de críticas de associações empresariais e municípios mineradores.

Os tucanos querem aproveitar integralmente o substitutivo costurado pelo relator do projeto na Câmara dos Deputados, Leonardo Quintão (PMDB-MG), para dar agilidade à aprovação do novo marco regulatório. Esse texto propõe a definição de alíquotas fixas

para os royalties minerais e o restabelecimento do "direito de prioridade" no setor. O relatório contrariava dois pontos essenciais da proposta enviada por Dilma. Por isso, o governo agiu para travar sua votação na comissão especial que discutia o assunto.

"O governo Dilma demorou três anos para enviar o novo código [ao Congresso] e depois usou sua maioria parlamentar para sentar em cima do assunto", diz o deputado reeleito Marcus Pestana (PSDB-MG). Ele foi designado pela campanha de Aécio como porta-voz para essa questão e garante que uma eventual administração tucana apoiaria o substitutivo.

Pestana lembra que a última versão do relatório teve respaldo do ex-governador Antonio Anastasia, recém-eleito senador por Minas Gerais e frequentemente cotado para assumir a Casa Civil, em caso de uma vitória de Aécio.

Segundo o deputado, a intenção dos tucanos é fixar o aumento dos royalties pagos na exploração do minério de ferro dos 2% atuais para 4%, como prevê o substitutivo de Quintão. A alíquota do ouro passaria de 1% para 4%. Em visita a Ipatinga (MG), em setembro, o próprio Aécio se comprometeu a dar agilidade na tramitação do novo código e disse que a mudança da Compensação Financeira pela Exploração Mineral (Cfem) reforçará o caixa do Estado em R\$ 1 bilhão - 65% do total arrecadado vai para os municípios afetados e essa regra não tem previsão de alterações.

Oito dos dez maiores municípios mineradores estão em Minas Gerais, onde Aécio teve 39,7% no primeiro turno e amargou uma derrota para Dilma, que recebeu 43,5% dos votos. As exceções são as prefeituras em torno da Serra dos Carajás (PA). Em 2013, a arrecadação total da Cfem foi de R\$ 2,3 bilhões. Pela primeira vez em cinco anos, ela deve cair e dificilmente chegará a R\$ 2 bilhões em 2014.

A tonelada do minério de ferro está em menos de US\$ 80, o valor mais baixo desde 2009, mas Pestana acredita que não haverá fuga de investimentos com um aumento dos royalties. "Preços de commodities oscilam mesmo e não se pode deixar a fixação de alíquotas ao sabor do mercado."

O presidente da Associação dos Municípios Mineradores de Minas Gerais (Amig), Celso Cota, diz que esse recuo dos preços deixou as finanças de várias prefeituras em situação preocupante. "Nos vimos obrigados até a cortar em saúde e em educação", lamenta Cota, que é prefeito de Mariana, onde cerca de 30% do orçamento provém dos royalties.

Ele considera o substitutivo que aguarda votação na Câmara dos Deputados como "muito próximo do ideal" e defende alíquotas fixas - e maiores - da Cfem para dar mais previsibilidade às empresas e aos cofres públicos.

O projeto de lei original aumentava o teto da Cfem de 3% para 4%. O governo manteria para si, no entanto, a prerrogativa de definir a alíquota para cada minério por meio de decreto. Auxiliares de Dilma sempre argumentaram que isso preserva a capacidade de

ajustar essas alíquotas conforme a variação de preços no mercado internacional, sem a necessidade de mudanças na lei. O texto também previa a realização de leilões, em um esquema semelhante ao que ocorre na indústria do petróleo, de áreas identificadas pelo setor público como potencialmente viáveis. Isso acabava com o direito de prioridade de quem chegasse primeiro às jazidas para fazer suas atividades de pesquisa.

19-08/10/2014

Fusão entre Rio Tinto e Glencore pode ter resistência

Estadão Conteúdo

Uma fusão entre Rio Tinto e Glencore poderia criar a segunda maior produtora de minério de ferro do mundo, atrás apenas da Vale, contudo a aproximação também poderia enfrentar dificuldades regulatórias na Austrália e na China, além de resistência entre acionistas. A Rio Tinto informou nesta terça-feira, 07, que foi contactada pela Glencore em julho sobre uma aquisição, mas a proposta foi logo rejeitada. Apesar da oposição inicial, há razões para Glencore buscar comprar a Rio Tinto.

Analistas afirmam que um acordo poderia unir o minério de ferro de alta qualidade da Rio Tinto e a extensa rede de infraestrutura com poder maior de marketing da Glencore, permitindo potencialmente que a nova empresa leve ativos para a China a um custo menor. "No geral, um acordo potencial seria positivo para Glencore e para o setor, dada a longa lista de possíveis justificativas", disseram analistas do Citi, em uma nota de pesquisa. "A grande questão é a que preço os acionistas da Rio Tinto aceitariam - e se aceitariam - uma vez que estamos em mínimas nos preços de minério de ferro".

"É muito cedo para ficar animado", disse Andrew Macfarlane, analista da Mitsubishi UFJ Securities International PLC. O acordo "faz sentido a partir de um prospecto de negócios, mas há obstáculos claros. A primeira será a de convencer os acionistas da Rio Tinto, que podem sentir que a sua empresa está sendo negociada excessivamente barata, devido aos declínios nos preços do minério de ferro este ano. A segunda será os obstáculos regulatórios inevitáveis", acrescentou.

Os preços do minério de ferro caíram mais de 40%, a quase US\$ 80 por tonelada, desde o início de janeiro diante de temores sobre um excesso de oferta. O custo de produção na região de Pilbara, na Austrália, que responde por metade do comércio global de minério de ferro por via marítima e abriga a maior parte das minas da Rio Tinto, está em torno de US\$ 50 por tonelada, em média. A Rio Tinto não indicou como Glencore a

planejava estruturar um negócio, ou se iria oferecer dinheiro, além de suas próprias ações, ou mesmo se estava pensando em pagar um prêmio.

Prêmio

Para Jake Greenberg, analista de recursos naturais do Bank of America Merrill Lynch, uma lição obtida com a tentativa fracassada da Xstrata em se fundir com a Anglo American em 2009 foi que as fusões sem prêmio não funcionam. A Xstrata foi posteriormente comprada pela Glencore em um negócio concluído em maio de 2013. De acordo com Liberum Capital, a Glencore teria de pagar um prêmio de, pelo menos, 25% para chegar a um acordo. Isso não é necessariamente prejudicial para o acordo, mas a Glencore teria necessidade de garantir que a sua proposta não reduziria seu lucro por ação em mais de 5% após a contabilização de qualquer redução de custos.

Qualquer negócio daria a Glencore acesso ao balanço patrimonial muito mais forte da Rio Tinto. Paul Gait, analista da Sanford C. Bernstein, disse que um acordo poderia gerar em torno de US\$ 50 bilhões em retorno de capital aos acionistas, se a entidade combinada aceitar o mesmo nível de alavancagem financeira que a Glencore tem agora. No entanto, alguns analistas acreditam que uma oferta formal enfrentaria preocupações regulatórias na Austrália, onde a Rio Tinto tem a maioria das minas de minério de ferro e listagem na bolsa de valores do país. O Conselho de Análise de Investimento Estrangeiro da Austrália só vai aprovar ofertas se forem consideradas de interesse nacional.

A Glencore tem se mostrado crítica de mineradoras globais que investem bilhões de dólares para expandir suas operações de minério de ferro na Austrália ou que tentam tirar uma produção maior das minas existentes, devido ao seu impacto sobre os preços do minério de ferro. A Rio Tinto quer ser capaz de produzir 360 milhões de toneladas de minério de ferro da Austrália anualmente dentro de poucos anos, a partir de cerca de 290 milhões de toneladas agora. Os analistas do Citi disseram que o Ministério do Comércio da China também pode ter problemas com o negócio, em particular no que diz respeito aos ativos de cobre e carvão. A China é o maior consumidor mundial de cobre. Além disso, a maior acionista da Rio Tinto é a Aluminum Corp of China, que poderia influenciar qualquer negócio. Fonte: Dow Jones Newswires.

20-08/10/2014

Votorantim avalia oferta por ativos da Lafarge-Holcim

A alemã HeidelbergCement e a Votorantim Cimentos estão considerando uma oferta conjunta por todo o portfólio de ativos que as fabricantes de cimento Holcim e Lafarge terão que vender para terem aprovação de reguladores para sua fusão, afirmaram fontes próximas do assunto.

Além disso, a irlandesa CRH se aliou com a rival mexicana Cemex para explorar uma oferta por todos os ativos da dupla que quer formar a maior produtora de cimento do mundo. As ofertas dos grupos vão competir com uma série de iniciativas de empresas de investimento que estão buscando um acordo envolvendo os ativos, avaliados entre 4 bilhões e 7 bilhões de euros, disseram as fontes.

As parcerias permitirão aos grupos competir por ativos segundo suas necessidades geográficas e também ajuda a dividir o custo. Um porta-voz da Cemex afirmou que a empresa não comenta rumores de mercado, enquanto HeidelbergCement e CRH preferiram não se manifestar sobre o assunto. Procurada no Brasil, a Votorantim Cimentos afirmou que não comentará sobre o assunto.

Uma porta-voz da Lafarge afirmou apenas que as empresas estão caminhando para concluir a fusão no primeiro semestre do próximo ano. A Holcim não quis se pronunciar. Lafarge e Holcim revelaram planos em abril para criar o maior grupo de cimentos do mundo, com vendas anuais de 44 bilhões de dólares.

Mas autoridades de defesa da concorrência em 15 países, bem como a Comissão Europeia, devem assumir uma posição dura sobre o acordo que une as duas maiores produtoras do setor, com um valor de mercado de mais de 55 bilhões de dólares. As duas empresas estão buscando compradores para as atividades da Holcim na França, para interesses da Lafarge na Alemanha e outras operações na Áustria, Brasil, Hungria, Romênia, Sérvia, Inglaterra, Canadá, Filipinas e Ilhas Maurício. Isso deve afetar cerca de 10 mil trabalhadores e representa cerca de 3,5 bilhões de euros (4,4 bilhões de dólares) em faturamento.

O conglomerado turco Sabanci Holding planeja fazer uma oferta por parte dos ativos, enquanto outros potenciais interessados estratégicos podem se aliar para disputá-los. Pelo menos quatro consórcios de empresas de investimento também estão mirando todo o portfólio a ser vendido, disseram fontes com conhecimento do assunto.

BC Partners, Advent e Temasek se aliaram em um grupo, enquanto isso, CVC e fundos soberanos de Abu Dhabi e Cingapura criaram outro consórcio. Bain e Onex formam um terceiro grupo e Blackstone, Cinven e o fundo de pensão canadense CPP compõem o quarto. Blackstone, CVC, BC Partners, Advent, Cinven, Bain, CPP e do fundo de Abu Dhabi não comentaram o assunto. Representantes das outras empresas não puderam ser contatados de imediato.

Fonte: Exame

21-08/10/2014

Envie o resumo do seu trabalho para XXVI ENTMME

XXVI Encontro Nacional de Tratamento de Minérios e Metalurgia Extrativa acontecerá entre 18 a 22 de outubro de 2015 em Poços de Caldas, Minas Gerais.

1. Endereço eletrônico do evento: <http://www.entmme.org/>
2. Endereço de correio eletrônico: entmme2015@unifal-mg.edu.br

Esta aberta a submissão de artigos. O prazo vai até dia **15/12/2014**

Maiores informações sobre áreas temáticas no link seguinte <http://www.entmme.org/submissao/areas-tematicas>

22-08/10/2014

Rio Tinto recusa oferta de fusão da Glencore

Por **Rhiannon Hoyle e Alexis Flynn | The Wall Street Journal**

A Rio Tinto PLC afirmou que recusou uma proposta de fusão da concorrente Glencore PLC em meados deste ano, um negócio que combinaria duas das maiores mineradoras do mundo e mudaria o panorama do mercado global de minério de ferro.

Uma combinação entre Glencore e Rio Tinto superaria a BHP Billiton como a maior mineradora de capital aberto do mundo. A Glencore tem valor de mercado em torno de US\$ 72 bilhões e a Rio Tinto, de cerca de US\$ 90 bilhões. A BHP Billiton é avaliada em quase US\$ 150 bilhões.

A operação juntaria também a forte presença da Glencore no comércio de commodities e a enorme produção de minério de ferro da Rio Tinto.

O diretor-presidente da Glencore, Ivan Glasenberg, um dos maiores acionistas da empresa, teve uma conversa "conceitual" com o presidente do conselho de administração da Rio Tinto, Jan du Plessis, sobre uma possível fusão das duas companhias, diz uma pessoa a par da situação. A conversa foi séria o suficiente para que Du Plessis levasse a proposta ao conselho da Rio Tinto, diz a fonte.

A Rio Tinto afirmou ontem que recebeu uma proposta de fusão da Glencore em julho, mas recusou a oferta e as empresas não discutiram mais o assunto desde agosto.

Embora não esteja claro o quão específica foi a oferta da Glencore, uma pessoa a par do assunto diz que os conselheiros da Rio Tinto foram categóricos em rejeitar uma fusão toda em ações e sem um prêmio. O conselho considerou o "conceito básico bastante equivocado", diz a pessoa.

A Glencore afirmou que fez uma sondagem informal por telefone para "avaliar se poderia haver algum interesse da Rio Tinto em estudar uma forma de fusão". A Glencore acrescentou que não estava tentando negociar um acordo com a Rio Tinto.

As regras de fusões e aquisições do Reino Unido proíbem a Glencore de fazer uma nova abordagem por seis meses. Mas, se as conversas continuarem, a Glencore pode ser forçada a oferecer um prêmio para fechar o negócio. A cotação das ações da Rio Tinto subiu 0,8% na bolsa de Londres ontem. Já a ação da Glencore recuou 2,5%.

A Glencore vem expressando abertamente seu desejo de ampliar seu alcance por meio de fusões e aquisições, após ter concluído a compra da Xstrata PLC no ano passado. Em abril, a Glencore adquiriu a petrolífera Caracal Energy Inc., que opera na África, por US\$ 1,35 bilhão.

O minério de ferro, responsável pela maior parte do lucro da Rio Tinto, é uma das peças que faltam no quebra-cabeças da Glencore, que produz e vende commodities que vão desde cobre e zinco até grãos e algodão. A Rio Tinto é a segunda maior produtora de minério do mundo, atrás da Vale SA.

"A Glencore está em todos os outros mercados de commodities de uma maneira razoável", diz Donald Williams, diretor de investimentos da Platypus Asset Management, em Sydney.

No momento, a Glencore tem somente três ativos de minério de ferro, todos na África e em estágio inicial de desenvolvimento, ainda não produzindo minério que seus operadores possam vender. Mas a Glencore negocia minério de ferro de outras mineradoras.

Qualquer negócio entre Glencore e Rio Tinto poderia enfrentar obstáculos regulatórios e antitruste no mundo todo. A Austrália, por exemplo, só aprovaria negócios que sejam de interesse nacional. Já as autoridades chinesas também podem manifestar preocupações com o controle, por parte de uma entidade combinada, de outros ativos de mineração em mercados como cobre e carvão, dos quais o país é um grande consumidor.

As diferenças culturais também poderiam atrapalhar. Glasenberg, da Glencore, incentivou uma cultura na empresa suíça que valoriza a realização de negócios e a perspicácia no comércio de commodities.

A britânica Rio Tinto, que tem ações negociadas nas bolsas de Londres e na Austrália, tem raízes muito mais profundas na mineração, em especial na Austrália, onde opera a maioria das suas minas de minério de ferro.

Na sua abordagem, a Glencore sugeriu que as duas empresas formassem uma equipe de direção conjunta, diz uma fonte.

A Rio Tinto declarou que os investidores estão em melhor situação sob a direção da atual equipe executiva.

"A Rio Tinto tem feito progressos significativos para reorientar e fortalecer seus negócios", disse Du Plessis num comunicado.

As duas empresas têm apetites diferentes para o risco. A Rio Tinto opera ativos de alta qualidade em países desenvolvidos, principalmente na Austrália. A Glencore, por outro lado, possui minas em regiões mais incertas, como o Cazaquistão e o Congo, onde a empresa afirma poder encontrar ativos mais baratos e igualmente produtivos.

Uma das preocupações do conselho da Rio Tinto foi com o "oportunismo" da oferta da Glencore, diz uma fonte. Pressionada pela queda nos preços do minério de ferro, a ação da Rio Tinto caiu 12% neste ano. O diretor-presidente, Sam Walsh, um ex-executivo da indústria automotiva que entrou na Rio Tinto há mais de 20 anos, deve se aposentar em 2015.

O conselho também não está seguro de que os operadores da Glencore poderiam agregar muito à Rio Tinto, que vende a maioria dos seus produtos a clientes na China, diz a fonte.

O minério de ferro continua a ser altamente rentável para mineradoras como a Rio Tinto. Elas vêm aumentando a produção, confiantes que seus enormes ganhos de escala permitirão que obtenham lucros mesmo que os preços do mineral tenham caído mais de 40% neste ano.

De fato, a rival BHP Billiton prometeu esta semana elevar seu investimento em minério de ferro. Glasenberg, por sua vez, criticou as mineradoras por expandir suas operações na Austrália e permitir a queda dos preços.

23-08/10/2014

Mineradoras sugerem que setor troque de ministério

A Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa Mineral levará aos presidentiáveis, na próxima semana, alternativas para destravar o crescimento do setor no país.

O documento propõe transferir o setor do Ministério de Minas e Energia para o do Desenvolvimento e Indústria.

Segundo as empresas, elas fornecem insumos à cadeia de transformação, construção e agricultura e tem, portanto, pouca afinidade com a pasta que hoje as representa.

"Essa mudança impactaria a forma como se regula o setor", afirmou o presidente da Associação Elmer Salomão.

As mineradoras pedem ainda a retirada do projeto de lei para reformar o Código da Mineração, sugerindo apenas adaptações na regra vigente.

Fonte: Folha de São Paulo

24-08/10/2014

Projeto El Morro da Goldcorp é suspenso pela Suprema Corte do Chile

A Suprema Corte do Chile suspendeu a construção do Projeto El Morro, uma joint venture entre as empresas canadenses Goldcorp (70%) e New gold (30%), que envolve um investimento de US\$ 3,9 bilhões..

Em sua decisão, a corte estabeleceu que, para o projeto prosseguir, as comunidades indígenas locais precisam ser consultadas, em conformidade com as diretrizes da Convenção 169m m da OIT (Organização Internacional do Trabalho).

Segundo a porta-voz da Goldcorp, Christine Marks, a companhia recebeu a pouco a decisão determinação judicial e “mantém seu compromisso com o diálogo aberto e transparente com todas as partes interessadas e com a responsabilidade para com as melhores práticas aplicáveis à proteção da saúde, da segurança e do meio-ambiente”.

A decisão representa uma grande vitória para as comunidades e grupos que se opõem ao projeto, na medida em que reverte uma decisão de instância inferior, exarada em abril, que autorizava o desenvolvimento do projeto El Morro.

Em seu recurso à Suprema Corte, em Maio as comunidade Diaguita disseram haver sido excluídas do processo de consulta, e que não estavam devidamente informadas sobre o mesmo.

El Morro tem reservas provadas e prováveis da ordem de 8,17 milhões de onças de ouro (± 255 toneladas de ouro) e 2,78 milhões de toneladas de cobre..

Fonte: BN Americas Newsletter - By Juan Andres Abarca (Tradução: equipe Ad Hoc Consultores)

25-08/10/2014

Luna Gold informa produção de 20,188 onças da mina de Aurizona, no Maranhão, no terceiro trimestre de 2014

A Luna Gold informou que sua mina de Aurizona, localizada no Maranhão, produziu 20,188 onças no período de três meses, compreendido entre os meses de julho e setembro de 2014 (Q3 - terceiro trimestre). Assim a produção acumulada nos nove primeiros meses do ano chegou a 53,9 mil onças (ou 1,7 toneladas de ouro).

Fonte: Luna Gold, 'press release de 08/10/2014 – Tradução: equipe Ad Hoc Consultores Ltda

26-08/10/2014

Brasil - Exploração na área internacional oceânica

CENAS DO BRASIL - O Brasil recebeu autorização para pesquisar e explorar recursos minerais da chamada Elevação do Rio Grande no Atlântico Sul. O país será o primeiro do Hemisfério Sul a ter aprovado o plano de exploração ambiental na área internacional do oceano, considerada pela Organização das Nações Unidas (ONU) como patrimônio comum da humanidade. A operação durará 15 anos e serão explorados 3 mil km², o que poderá levar a descoberta de recursos naturais e minerais. Para falar sobre o assunto, o Cenas do Brasil recebe o diretor de Geologia e Recursos Minerais do Serviço Geológico do Brasil (CPRM), Roberto Ventura; e o professor do Instituto de Geociências da Universidade de Brasília (UnB), Elton Dantas.

27-08/10/2014

COMEÇA A PRODUÇÃO DE DIAMANTES NO KIMBERLITO KARPINSKOGO-1

A gigante russa Alrosa informa que iniciou a produção no kimberlito Karpinskogo-1, na região de Arkhangelsk. O pipe, que tem 6 pulsos kimberlíticos, vai produzir 600.000t ainda em 2014. Esta produção irá escalar para 2 milhões de toneladas em 2015. Karpinskogo-1 tem uma reserva de 126 milhões de toneladas no padrão JORC.

A Alrosa é a maior produtora de diamantes do mundo e deverá produzir 36 milhões de quilates em 2014.

Fonte: Geólogo

28-08/10/2014

ORINOCO EXPANDE ÁREA DE CASCAVEL COM NOVO DIREITO MINERÁRIO

A Orinoco Gold informou na última terça-feira (07/10) que aumentou a área do prospecto Cascavel, do projeto polimetálico Faina Goldfields, com um novo direito minerário que cobre uma zona de mineralização de ouro, antes utilizada por garimpeiros. A mineradora teve o requerimento de renovação da Guia de Utilização para o mesmo processo protocolado pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) em 29 de setembro.

De acordo com o comunicado enviado ao mercado nesta terça-feira pela Orinoco, o processo 860.167/2007, para ouro em Faina (GO), possui extensões significantes a noroeste de Cascavel e de Tinteiro, que também faz parte do projeto Faina Goldfields. A mineradora vai aumentar a estrutura de Cascavel em 60% para cerca de 4 quilômetros de direção do corpo mineral.

A Orinoco disse que o novo direito minerário “está em fase de autorização de pesquisa, com prioridade para virar concessão de lavra”. A companhia afirmou que não foi necessário fazer nenhum pagamento pelo direito.

Segundo a Orinoco, a área que cobre o novo direito era utilizada para produzir ouro por garimpeiros de 2010 a 2012, quando o parceiro da mineradora no projeto Cascavel, que detém 30% de participação, comprou os direitos. Segundo dados do DNPM, a cessão de direitos foi realizada em 19 de março de 2012.

Os direitos foram passados por Ademir Martins Costa para a Mineração Curral de Pedra, subsidiária da Orinoco. A Curral de Pedra tem outros quatro processos junto ao DNPM, todos em fase de autorização de pesquisa para minério de ouro, em Goiás, segundo dados do Jazida.com.

De acordo com a mineradora, a área coberta pelo direito minerário fica a cerca de um quilômetro e meio da região onde a Orinoco retirou amostras de 2,5 toneladas, com resultados que apontaram um teor médio de 27,2 gramas de ouro por tonelada.

A mineradora afirmou que um programa de amostragem de rochas foi conduzido no horizonte mineralizado, tendo obtido bons teores de ouro em nove das 10 amostras, com um mínimo de 1 grama de ouro por tonelada e um máximo de 9,9 gramas de ouro por tonelada.

Segundo a Orinoco, o direito minerário adicional significa não apenas a extensão do corpo mineral de Cascavel e confirma a repetição de horizontes mineralizados de quase 1,4 quilômetro, mas também destaca a prospectividade das zonas de cisalhamento ao longo da mina de ouro Sertão, que fica próxima a Cascavel.

Resultados de exploração em Cascavel devem ser divulgados pela empresa na primeira quinzena de outubro, de acordo com o comunicado.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

29-08/10/2014

BRAZIL MINERALS ACQUIRES 100% DE DUAS BARRAS

A Brazil Minerals adquiriu 100% de participação na subsidiária Mineração Duas Barras (MDB), que opera a mina de ouro e diamante Duas Barras, em Minas Gerais. A mineradora pagou US\$ 200 mil em dinheiro e emitiu cerca de 2,14 milhões de ações

para adquirir os 13,2% restantes da companhia. A MDB é o primeiro ativo operacional e gerador de receita que pertence completamente à Brazil Minerals.

“Nossa meta era adquirir 100% da MDB até o fim de 2014. Estou muito feliz que tenhamos conseguido agilizar esse plano em três meses. Sob a nossa gestão, a MDB deixou de ser um ativo arruinado para se tornar, dentro de um ano e meio, uma produtora de diamantes polidos e brutos, barras de ouro e areia”, disse Marc Fogassa, CEO e presidente do Conselho da Brazil Minerals.

De acordo com o comunicado enviado ao mercado nesta terça-feira pela mineradora, a MDB não possui nenhuma dívida.

A Brazil Minerals aumentou, em 3 de junho, sua participação na subsidiária para 73,75%. A companhia, que possuía 55% de participação, adquiriu mais 18,75% por meio de um pagamento de US\$ 500 mil e da emissão de 675 mil ações ordinárias. Em 14 de agosto, a Brazil Minerals aumentou a participação de 73,75% para 86,88%, sem divulgar quanto pagou.

No início deste mês, a mineradora informou que espera obter uma receita de aproximadamente US\$ 303 mil no terceiro trimestre deste ano, encerrado em setembro. O valor representa um aumento de 212% em relação ao trimestre anterior e de 14% na comparação com o terceiro trimestre do ano passado.

A mineradora disse que pretende iniciar a venda de areia no quarto trimestre deste ano. No último mês, a Brazil Minerals obteve a licença ambiental necessária para extrair e comercializar areia da mina Duas Barras. A mineradora pretende utilizar a areia como permuta para as despesas com escavação no site.

A areia é um coproduto operacional normal no processo aluvial para diamantes e ouro na planta de Duas Barras, de forma que a Brazil Minerals não terá custos para obter o produto em grandes quantidades.

Além da mina Duas Barras, a empresa é proprietária de direitos minerários em Borba, área com potencial de ouro no Amazonas

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

30-08/10/2014

VANÁDIO

Largo Resources confirma progresso na produção de Maracas

A Largo Resources informa que o ramp-up do projeto da mina de Maracas Menchem, localizada no estado da Bahia, está em andamento desde o último anúncio da Companhia e continua a progredir. As taxas de produção tem se mantido estáveis entre 8 e 12 t/dia de pentóxido de vanádio ou 40% da capacidade total. A Largo chegou a alcançar 14 t/dia, o que representa aproximadamente 50% da capacidade total. Segundo

a empresa, os volumes devem continuar a aumentar progressivamente ao longo dos próximos meses, com o objetivo de alcançar a fase 1 - a capacidade nominal do Projeto é de 9.600 t/ano até ou antes de 12 meses de operações. "Estamos muito satisfeitos com nosso progresso recente. Nós estabelecemos operações estáveis em cada área da fábrica e temos demonstrado que podemos executar cada sistema de forma eficaz. Embora a produção atual esteja em 40% da capacidade total, é importante notar que temos executado com êxito muitos dos subsistemas em seus níveis de capacidade total", disse Michael Mutchler, COO da Largo. Além disso, a Largo nomeou Allan Venter para o cargo de Gerente de Produção em sua equipe de operações. O executivo tem mais de 10 anos de experiência em Gerência Sênior na produção de pentóxido de vanádio e ferrovanádio. A experiência foi conquistada em anos de operações na Xstrata's Vantech e na planta da Evraz Vametco, na África do Sul.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 673 –

31-08/10/2014

DNPM

AGU nega ação ajuizada por particular por considerar documento sigiloso

A Advocacia-Geral da União (AGU) afastou ação ajuizada por particular que pretendia obter cópias de pareceres jurídicos minerários de processos administrativos dos quais não fazia parte. Este tipo de documento é sigiloso e não está disponível para terceiros, segundo a AGU. A Justiça de primeira instância concordou com os argumentos da AGU, mas inconformado com a decisão, o autor entrou com recurso e levou o caso para o Tribunal Regional Federal da 1ª Região (TRF1) que também negou o pedido. Tanto na Justiça de 1º grau como no TRF1, a Procuradoria-Regional Federal da 1ª Região (PRF1) e a Procuradoria Federal junto ao Departamento (PF/DNPM) sustentou que a Portaria nº 201/2006, da própria autarquia federal, atribui caráter sigiloso aos alvarás de pesquisa, concessões de lavra, registros de licenciamento e permissões de lavra garimpeira. De acordo com as unidades da AGU, a medida visa proteger a propriedade intelectual e industrial dos titulares, resguardada pela Constituição Federal. Por fim destacaram que outra norma, a Instrução Normativa DNPM nº 03/2000, estabelece que cópias de peças de processos sigilosos somente podem ser fornecidas ao respectivo titular, seus procuradores ou advogados munidos de procuração, requisito que não foi atendido pelo autor, já que não representava os interesses da empresa cujo processo pretendia obter cópia, e não comprovou sua condição de terceiro interessado.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 673 –

32-08/10/2014

PRÊMIO

WSA anuncia vencedores de Steelie Awards

A Associação Mundial do Aço (WSA) anunciou os vencedores do “5 Steelie Awards” em sua reunião anual, realizada em Moscou, Rússia. Os troféus, conhecidos como Steelies, são premiados em sete categorias este ano. Os vencedores por categoria foram

website do ano da indústria siderúrgica (<http://corporate.arcelormittal.com>) ; Inovação do Ano – Feixe Espalhador para uso da ArcelorMittal Dofasco ; Excelência em Sustentabilidade – Gerdau, por melhorar a sustentabilidade da sua cadeia de fornecimento de sucata ; Excelência em Avaliação do Ciclo de Vida - Tata Steel Europe para a utilização da LCA para demonstrar os benefícios do aço em projetos de pontes em relação aos materiais alternativos ; Excelência na educação e formação - Tenaris para o desenvolvimento de cursos de aprendizagem on-line com a Universidade de Sheffield e EDX ; Jornalista do ano - John Miller (Wall Street Journal) e Comunicador da Indústria do Ano , Alexey Mordashov (Severstal).

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 673 –

33-08/10/2014

ENTIDADES

WSA anuncia direção para 2014/15

O Conselho de Administração da Associação Mundial do Aço (WSA) elegeu os seguintes novos oficiais para 2014/2015, na 48ª Conferência Anual da entidade, em Moscou, Rússia. O novo presidente, Wolfgang Eder, assumiu o cargo em 8 de outubro de 2014. Os dois Vice-Presidentes são Alexey Mordashov e André Gerdau Johannpeter; o tesoureiro é Eiji Hayashida. Em nome do Conselho de Administração, Diretor-Geral da WSA, Edwin Basson disse; "Agradecemos Joon-Yang Chung, Presidente de 2013/2014 por sua liderança e envolvimento proativo em relação ao ano passado". O Conselho de Administração elegeu também o Comitê Executivo da 2014/15: Fazem parte do Conselho Wolfgang Eder, John Ferriola, Eiji Hayashida, Heinrich Hiesinger, Sajjan Jindal, Oh-joon Kwon, André Gerdau Johannpeter, Mario Longhi, Lakshmi Mittal, Alexey Mordashov, Paolo Rocca, Kosei Shindo, Lejiang Xu, Xiaogang Zhang e Edwin Basson.

Fonte: Brasil Mineral OnLine - 673 –

34-09/10/2014

Newcrest baixa custos e fica mais competitiva

A australiana Newcrest Mining produziu no último trimestre 561.731 onças de ouro e 24.831 toneladas de cobre. A boa notícia é que o all-in sustaining cost da Newcrest no período foi de apenas A\$864 um corte substancial nos custos de produção. A notícia é importante, pois em 2013 o AISC (all in sustaining cost por onça) da Newcrest foi de US\$1.040/oz.

Um custo muito elevado que tornava a produção marginal aos preços de hoje. Em 2013 a Newcrest teve um prejuízo bilionário que, agora, começa a ser recuperado. No período Newcrest foi mais seletiva e produziu 12% a menos do que no trimestre anterior.

Fonte: www.geólogo.com.br

35-09/10/2014

Preço do alumínio impulsionou resultados, diz Alcoa

Estadão Conteúdo

A Alcoa afirmou que seus resultados no terceiro trimestre deste ano foram impulsionados principalmente pelo segmento de metais, em consequência do aumento dos preços do alumínio. Também foram fatores positivos os menores custos dos materiais e a melhora na produtividade. As ações da empresa subiram 1,56% no after hours.

O presidente e executivo-chefe da Alcoa, Klaus Kleinfeld, comentou que os negócios de metais primários da empresa, que produz alumínio bruto, tiveram um desempenho não visto desde antes da crise global de 2008. Essa divisão teve lucro operacional de US\$ 245 milhões no terceiro trimestre, muito acima dos US\$ 8 milhões obtidos no mesmo trimestre do ano passado. Os preços do alumínio subiram 16% nesse período.

Os resultados da Alcoa são bastante observados porque estão entre os primeiros a serem divulgados a cada trimestre e porque a empresa vende produtos para uma variedade de indústrias.

A Alcoa teve lucro líquido de US\$ 149 milhões no terceiro trimestre, bem acima de US\$ 24 milhões um ano antes, enquanto a receita cresceu 8,2%, para US\$ 6,24 bilhões. Excluindo itens não recorrentes, o lucro subiu para US\$ 0,31 por ação, de US\$ 0,11 por ação. Analistas ouvidos pela Thomson Reuters previam lucro de US\$ 0,23 por ação e receita de US\$ 5,85 bilhões. Fonte: Dow Jones Newswires.

36-09/10/2014

CEO DA GERDAU É ELEITO VICE-PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DO AÇO

O Conselho de Administração da Associação Mundial do Aço (WSA, na sigla em inglês) elegeu os novos gestores para o período 2014/2015, durante a 48ª Conferência Aual da entidade, em Moscou, na Rússia. Wolfgang Eder foi nomeado presidente, enquanto Alexey Mordashov e André Gerdau Johannpeter foram os escolhidos para assumir a vice-presidência. O executivo brasileiro é CEO da Gerdau e filho de Jorge Gerdau Johannpeter, fundador do grupo e atual presidente do Conselho de Administração. Eiji Hayashida foi eleito tesoureiro.

"Agradecemos Joon-Yang Chung, [presidente de 2013/2014] por sua liderança e envolvimento proativo em relação ao ano passado", disse o diretor-geral da WSA,

Edwin Basson durante o anúncio da novo equipe de gestores. O Conselho de Administração elegeu também o Comitê Executivo 2014/15, do qual fazem parte agora os executivos Wolfgang Eder, John Ferriola, Eiji Hayashida, Heinrich Hiesinger, Sajjan Jindal, Oh-joon Kwon, André Gerda Johannpeter, Mario Longhi, Lakshmi Mittal, Alexey Mordashov, Paolo Rocca, Kosei Shindo, Lejiang Xu, Xiaogang Zhang e Edwin Basson.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

37-09/10/2014

AMP-UP DE MINA DE VANÁDIO DA BAHIA ATINGE 40%

A Largo Resources informou na última terça-feira (07/10) que o ramp-up da mina de vanádio em Maracás, na Bahia, continua a progredir bem. A taxa de produção continua estável, segundo a companhia, de 8 a 12 toneladas de pentóxido de vanádio por dia, o equivalente a 40% da capacidade total.

De acordo com o comunicado enviado ao mercado na última terça-feira (07/10) a produção da Largo chegou a alcançar 14 toneladas de pentóxido de vanádio em um dia, o que representa 50% da capacidade total.

“Nós estamos extremamente satisfeitos com o nosso progresso recente. Nós consolidamos operações estáveis em cada área da planta e demonstramos que podemos utilizar cada sistema de forma eficiente. Apesar de estarmos operando em 40% da capacidade total da planta, vale ressaltar que colocamos para funcionar muitos subsistemas em capacidade máxima”, disse Michael Mutchler, COO da Largo.

A mineradora informou que embarcou uma boa quantidade do produto e que recebeu as primeiras receitas provenientes da venda de vanádio. A Largo disse que espera continuar aumentando o volume de produção nos próximos meses, com o objetivo de chegar a 9,6 mil toneladas de vanádio por ano em até, ou antes, 12 meses de operação, que é a meta da primeira fase do projeto.

“Como já é esperado de nossas operações no estágio em que estão, nossos esforços estão focados agora em descongestionar as áreas em que encontramos restrições de capacidade e em continuar a otimizar a recuperação, aumentando a eficiência da planta. Estamos confiantes de que o ramp-up vai continuar a progredir bem e que vamos chegar, ou alcançar, nossa meta de uso da capacidade dentro de 12 meses”, afirmou Mutchler.

A Largo informou ontem que concluiu a emissão privada de cerca de 107 milhões de títulos e levantou aproximadamente US\$ 26,84 milhões. O fundo Arias Resource Capital Management (ARC), acionista controlador da mineradora, adquiriu 53.571.429

títulos e aumentou sua participação para 28,18%. O montante arrecadado vai ser utilizado na mina Vanádio de Maracás, na Bahia, e como capital de giro.

A Largo Resources é uma empresa de desenvolvimento de pesquisa e exploração mineral de metais estratégicos. No Brasil, além do projeto de vanádio, a empresa tem 100% de participação em um projeto de titânio e ferrovanádio em Campo Alegre de Lourdes, também na Bahia, e do projeto de tungstênio Currais Novos, no Rio Grande do Norte.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

38-09/10/2014

Projeto prevê a recuperação de 15 milhões de hectares de pastos

Por **Lauro Veiga Filho | De Goiânia**

O governo finaliza a formatação, por meio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), numa extensa parceria que envolve ainda o Ministério do Meio Ambiente (MMA), a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentos (FAO, na sigla em inglês) e o Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento (Bird), do Programa de Recuperação de Áreas Degradadas na Amazônia (PRADam). Uma das metas do programa, concebido como parte de um projeto para enfrentar a mudança climática, reduzindo emissões de gases formadores do efeito estufa, será recuperar 5 milhões de hectares de pastagens degradadas na região amazônica nos primeiros cinco anos de execução.

Até 2020, o objetivo será promover a restauração de 15 milhões de hectares de pastos. Segundo Elvison Nunes Ramos, coordenador de manejo sustentável de sistemas produtivos da Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo (SDC) do Mapa, os municípios definidos pelo Plano de Ação para a Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia Legal (PPCDAm) serão alvos prioritários do programa, seguindo o arco de desmatamento na região, que inclui as áreas críticas.

Caso alcance seus objetivos, o programa conseguirá reintegrar ao sistema produtivo praticamente metade da área de pastagens que enfrenta degradação em algum nível no país, estimada em 30 milhões de hectares pelo Mapa.

A primeira etapa do projeto, já concluída, incluiu o mapeamento do uso e da cobertura das áreas já desmatadas no bioma amazônico, de acordo com Ramos, com o objetivo de identificar a real destinação das áreas já ocupadas. Numa ação que incluiu, além do Mapa e do MMA, o Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe), por meio de seu Centro Regional da Amazônia (CRA), Embrapa Amazônia Oriental e Embrapa Informática Agropecuária, unidades da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), e Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), foi criado o projeto TerraClass.

Foi possível indicar áreas ocupadas por culturas anuais, pastagens sujas e limpas, vegetação secundária, áreas de reflorestamento e exploradas pela mineração, assim como aquelas ocupadas pela agricultura familiar.

A segunda fase prevê levantamentos mais detalhados das regiões prioritárias. Em seguida, serão estabelecidas as técnicas mais adequadas para promover a recuperação das pastagens degradadas, tomando como base a relevância para a mitigação emissões de gases do efeito estufa, além de avaliar a viabilidade de pagamento por serviços ambientais.

A difusão de tecnologias ambientalmente sustentáveis e a prestação de serviços de assistência técnica aos produtores estão incluídas nesta fase do programa, que deverá ser executada ao longo de 2015.

39-10/10/2014

Albras aumenta vendas no Brasil

Por **Olivia Alonso | De Belém**

Com a indústria brasileira do alumínio primário em forte contração, a Albras está deixando de exportar uma parte da produção do insumo para elevar suas vendas ao mercado interno. Única fabricante que ainda não fez corte de produção no país, a empresa tem capacidade para produzir 460 mil toneladas em Barcarena (PA).

Controlada pela norueguesa Norsk Hydro, com 51% do capital, e pela japonesa Nippon Amazon Aluminium Company (NAAC), com 49%, a Albras já elevou em 64% suas vendas de alumínio primário para o mercado interno até setembro deste ano.

Considerando o período de doze meses, estima que irá destinar 140 mil toneladas aos clientes locais, 61% mais do que as 87 mil toneladas em 2013, segundo Alberto Fabrini Jr., vice presidente global da empresa e responsável no mundo pela divisão de Bauxita e Alumina.

Com o aumento do volume destinado ao Brasil, a Hydro aproveita o espaço deixado no mercado por Alcoa, BHP Billiton e Votorantim Metais, que vêm cortando linhas de produção desde o ano passado. Segundo Fabrini, único executivo não europeu no conselho da Hydro, não existe a intenção de cortar linhas de produção. Uma redução de volume neste ano, porém, pode ser decorrente de ajustes internos.

"Somos uma empresa de alumínio", afirmou Fabrini sobre a possibilidade de comercializar energia ao mercado. Alcoa e BHP Billiton, que fecharam fornos na Alumar, em São Luis (MA), e a Votorantim Metais, em Alumínio (SP), estão aproveitando a redução da produção para colocar no mercado energia própria que possuem. O abastecimento da Albras, que consome cerca de 800 MW, está contratado com a Eletronorte até 2024.

Dessa forma, com a redução da produção total de alumínio primário no Brasil, a Albras deve elevar sua participação para perto de 50% do total neste ano. Em 2013, a companhia produziu 35% do volume do país - 452 mil toneladas de um total de 1,3 milhão, segundo a Associação Brasileira do Alumínio (Abal). Na projeção da Abal, o país produzirá 952 mil toneladas neste ano, 27% menos do que em 2013 e 43% menos do que em 2008.

Do total do alumínio da Albras, a parte da NAAC - cerca de 220 mil toneladas - é levada para o Japão. Até o momento, a NAAC continua interessada em manter os embarques, o que sempre foi seu objetivo com a operação.

Apesar do preço baixo do alumínio no mercado, os altos prêmios no Brasil favorecem a operação. Quando os cortes de produção começaram a se acentuar, em meados do ano passado, a falta do insumo fez com que o preço pago sobre o valor da bolsa de metais de Londres (LME) subisse. Segundo fontes do mercado, chegou a superar US\$ 700 por tonelada e está em torno de US\$ 550 por tonelada sobre os US\$ 1.950 da LME.

Além da garantia do fornecimento de energia por nove anos, a Albras tem tranquilidade em relação ao suprimento da matéria-prima, com 27,9 milhões de toneladas de bauxita. "Temos a visão de que a bauxita será o gargalo do setor no mundo", afirma Fabrini. Neste ano, a Indonésia, importante produtor global, deixou de exportar o minério, o que já deixou o mercado global apertado.

A companhia utiliza a alumina da Alunorte, na qual a Hydro tem 90,1% do capital, e mantém o plano de expansão com o projeto da CAP, de 7,4 milhões de toneladas. Maior refinaria do mundo até o momento, a Alunorte produz 6,3 milhões de toneladas em Barcarena. É suprida pela bauxita da própria companhia, sendo 9,9 milhões de toneladas da Paragominas, transportada a um custo baixo por um mineroduto de 244 km. Outra parte vem das 18 milhões de toneladas da Mineração Rio do Norte, em Oriximiná (PA). A Hydro retira volume relativo aos 5% que têm do capital da MRN e aos 40% da Vale, garantidos à norueguesa em um acordo comercial.

No Brasil, a Hydro está também na ponta da cadeia do alumínio com participação de 50% na Sapa, que faz extrudados em Itu (SP).

40-10/10/2014

Fusões e aquisições entre mineradoras caem 69% no ano

Por **Olivia Alonso** | De São Paulo

O valor movimentado em fusões e aquisições no setor de mineração caiu 69% no primeiro semestre deste ano, segundo estudo da EY (ex-Ernst & Young). No total, foram realizadas 254 operações, que somaram US\$ 17 bilhões. Um ano antes, foram 386 negócios, que somaram US\$ 53,8 bilhões.

Vicktor Andrade, analista de Fusões e Aquisições da EY, espera queda de 25% a 35% no acumulado do ano, com melhora no segundo semestre. A partir deste ponto vai começar a ter uma retomada. "De 2010 a 2013, as fusões e aquisições em mineração sempre superaram os US\$ 120 bilhões. De agora em diante, não esperamos uma queda maior, mas o ano vai ser ruim", diz.

No primeiro semestre, os negócios que superaram US\$ 1 bilhão foram apenas quatro, de onze um ano antes, segundo a EY. O maior negócio do ano, até o momento, foi a união da Yamana Gold e da Agnico-Eagle para a compra da Osisko Mining, em um negócio que complementou as operações das duas empresas na América do Norte. A maioria dos negócios, 87% do total, envolveu transações inferiores a US\$ 50 milhões e correspondeu por 9% do total, em valor.

A primeira metade de 2014 foi marcada por falta de liquidez no setor e muita cautela das empresas. Os negócios fechados estiveram ligados principalmente ao objetivo de reduzir custos variáveis ou de venda de ativos que não tiveram desempenhos razoáveis nos últimos períodos. "Podemos ver mais joint ventures na área, em esforço das companhias para consolidar posições e buscar sinergias."

Andrade diz que, a partir de agora, o setor mineral tem um importante aspecto a seu favor: volta a ter capital disponível, principalmente de fundos de private equity. Nas contas da EY, esses fundos têm de US\$ 8 bilhões a US\$ 10 bilhões para mineração. "Os gestores estão vendo que as empresas fizeram o dever de casa em corte de custos e melhora de eficiência." Os investidores em participação nas companhias são, hoje, responsáveis por 20% do financiamento ao setor e podem chegar a 30%, diz Andrade.

O especialista afirma ainda que aconteceram movimentos de realocação de capital de fundos soberanos, que fizeram ajustes e agora estão com liquidez.

A previsão da EY é de novos negócios envolvendo níquel e cobre, com a melhora dos preços dos dois metais neste ano. Já operações de carvão e minério de ferro devem acontecer conforme companhias colocarem negócios à venda diante do cenário difícil de preços.

Além das razões particulares, o ambiente não é propício para um salto nos negócios no setor. Andrade diz que as companhias estão mais cautelosas do que nos últimos anos sobre como será a demanda do setor e, por isso, estão segurando projetos, investimentos e negociações. "O ambiente macroeconômico é mais complexo hoje. A Europa ainda não retomou seu ritmo de crescimento, os Estados Unidos estão se recuperando aos poucos e os emergentes estão desacelerando. Por isso, as empresas estão em compasso de mais aprendizado do que de agressividade nos negócios."

O Brasil acompanhou a tendência de queda, com apenas dois negócios no primeiro semestre, quatro a menos do que no mesmo período de 2013. O valor total das aquisições caiu de US\$ 631,6 milhões para US\$ 1,42 milhão.

41-10/10/2014

Ex-executivo da Xstrata fez oferta de compra por ativos da BHP Billiton

Por **Arash Massoudi e Neil Hume** | **Financial Times**

Mich Davis, o ex-diretor da Xstrata, tentou um retorno este ano, ao contatar a BHP Billiton com uma oferta de compra de uma série de minas controladas pelo maior grupo mundial de recursos naturais, segundo pessoas familiarizadas com o assunto.

A BHP recusou a oferta apresentada pela X2 Resources, o novo veículo de investimentos de Davis. Em vez disso, reafirmou seu plano de desmembrar ativos indesejados em uma nova empresa com ações negociadas em bolsa.

A sondagem frustrada chama a atenção para as dificuldades enfrentadas por empresas de compras de participações como a lançada por Davis no ano passado, que vêm tentando adquirir ativos de grandes mineradoras.

Essas grandes empresas, cuja alienação de ativos era prevista, vêm se mostrando vendedoras relutantes e nem um pouco apressadas. A BHP disse em agosto que pretende registrar a nova empresa nas bolsas de Joanesburgo, Sidney e Londres no ano que vem e que não manterá uma participação própria.

Não ficou claro se a oferta de Davis incluiu todos os ativos que a BHP acabou aglutinando na nova empresa, que, segundo os analistas, pode valer US\$ 14 bilhões.

Duas pessoas familiarizadas com as conversações disseram que as partes se reuniram este ano e que Davis fez uma oferta de compra por todos os ativos que a BHP pretendia desmembrar na época. Também não ficou claro por que a BHP decidiu recusar a oferta, que deve ter envolvido cerca de US\$ 10 bilhões, segundo essas pessoas.

A BHP, que preferiu não fazer comentários sobre a X2 Resources, disse ter examinado uma série de alternativas e que concluiu que uma cisão era a opção que melhor atendia aos interesses de seus acionistas. A X2 Resources também preferiu não se manifestar.

Entre os ativos que a BHP se propõe a desmembrar estão minas de níquel, manganês e carvão espalhadas por países como a Austrália e a África do Sul.

Davis é um dos executivos de maior visibilidade do setor de mineração. Administrou a Xstrata até a empresa ser adquirida pela Glencore, em 2013. Foi também diretor financeiro da Billiton, a mineradora que se fundiu com a BHP em 2001.

Ele inaugurou a X2 com um financiamento de US\$ 1 bilhão do Noble Group, o grupo de commodities sediado em Hong Kong, e da empresa de compra de participações TPG Capital.

Três fundos soberanos e fundos de pensão assumiram novos compromissos de investimento, entre os quais estariam o Investment Council de Abu Dhabi e a Caisse de

Dépôt et Placement du Québec. Isso poderia elevar o total de compromissos obtidos pela X2 para mais de US\$ 4,5 bilhões.

Davis espera reeditar o sucesso que conseguiu na transformação da produtora de carvão Xstrata, que se tornou uma das maiores mineradoras mundiais. A X2 já estudou superficialmente dezenas de aquisições potenciais, mas ainda não concluiu nenhum negócio. **(Colaboraram James Wilson e Javier Blas)**

42-10/10/2014

Rio Tinto diz que irá lutar para reter posição de menor custo em minério de ferro

Reuters

SYDNEY (Reuters) - A mineradora global Rio Tinto descartou a promessa da arquirrival BHP Billiton de superá-la no posto da mineradora de minério de ferro de menor custo do mundo.

"Vocês podem ter certeza, não estamos parados", disse o presidente da divisão de minério de ferro da Rio Tinto, Andrew Harding, a repórteres em uma teleconferência.

A BHP anunciou na segunda-feira planos para cortar os custos de produção para menos de 20 dólares por tonelada ante 27,50 dólares para o ano fiscal de 2014, em uma tentativa de se tornar a mineradora com menores custos. Isso se compara com um custo de 20,40 dólares por tonelada da Rio Tinto no primeiro semestre de 2014.

Os preços do minério de ferro atingiram mínimas de cinco anos este ano e projeções de novas quedas têm feito as companhias lutarem para cortar custos.

A Rio Tinto está a caminho de elevar sua produção em 9 por cento, para 290 milhões de toneladas à frente de um impulso para 360 milhões de toneladas. A companhia ocupa o segundo lugar do ranking em tamanho do setor, atrás da brasileira Vale. A BHP responde por um distante terceiro lugar.

Uma parcela crescente da tonelagem da Rio Tinto será extraída e transportada para navios sob um programa de automação de longo alcance perseguido por Harding para economizar custos. Segundo algumas estimativas, a Rio Tinto está até cinco anos na frente da BHP nesta área.

Harding disse que 32 projetos controlados por empresas menores iriam se mover rapidamente para preencher um buraco de abastecimento se a empresa desistisse de seu cronograma de expansão na Austrália.

"Toda a razão que estamos nos movendo para mais toneladas para o mercado é para preencher um buraco", disse Harding. "Se não preenchermos esse vazio, alguém o fará."

(Por James Regan)

43-10/10/2014

Pacific Coal Resources Ltd. anuncia acordo de operação conjunta

PR Newswire do Brasil

TORONTO, 9 de outubro de 2014 /PRNewswire/ -- A Pacific Coal Resources Ltd.

(TSXV:[PAK.V](#) -[News](#)) tem o prazer de anunciar que a Norcarbon S.A.S.

("Norcarbon"), subsidiária da empresa, assinou um acordo de operação conjunta com a Sloane Mining Services Branch Colombia ("Sloane") para a produção, compra e venda de carvão na mina de Cerro Largo da empresa.

O acordo será até 5 de junho de 2021 e requer que a Sloane explore no mínimo 4.200.000 toneladas de carvão durante este período. Como parte do acordo, a Sloane será responsável pela produção, comercialização e custos associados do carvão térmico da mina e ela terá direito a receber e comercializar uma porcentagem da produção do carvão para cobrir, entre outras coisas, o custo operacional da mina. A Norcarbon terá direito à porcentagem restante da produção, que será vendida à Sloane por um preço fixo. O preço determinado pode ser ajustado aos preços do mercado internacional e como resultado de mudanças da relação estéril/minério.

O acordo ainda contempla que a Sloane fornecerá à Norcarbon um pagamento adiantado pela compra da futura produção de carvão a que tem direito. A Sloane, também venderá para a Norcarbon certa quantidade de carvão, permitindo que a empresa continue a atender seus compromissos comerciais. A operação da Sloane na mina de Cerro Largo está prevista para começar em outubro de 2014.

44-10/10/2014

Navio de minério de ferro da Vale tem permissão para atracar em porto chinês

Reuters

XANGAI (Reuters) - Um cargueiro gigante de minério de ferro de propriedade da Vale foi autorizado a atracar em um porto chinês na semana passada, mostraram dados da Reuters, o primeiro desde que a mineradora brasileira assinou acordos com dois dos

maiores grupos de transporte da China, em investida que foi vista como um descongelamento de relações.

Donos de embarcações chineses se opuseram ao acesso para mega-navios da Vale de porte de 400 mil toneladas, conhecidos como Valemax, dizendo que eles poderiam piorar o excesso de oferta em transporte e roubar participação de mercado. Em 2012, o Ministério dos Transportes proibiu os navios nos portos da China, citando preocupações de segurança.

Mas no mês passado, a Vale assinou acordos com as empresas apoiadas pelo Estado chinês Cosco e China Merchants Energy Shipping em um movimento que marcou um avanço no longo impasse e levou os analistas a preverem que os navios Valemax estariam em breve atracando no maior consumidor de minério de ferro do mundo.

O mega-navio Shandong Da Ren atracou no porto Dongjiakou em Qingdao, leste da China, em 2 de outubro, no início de um feriado nacional de sete dias, e partiu para Cingapura em 4 de outubro, de acordo com dados de rastreamento da Reuters.

O navio, que era conhecido como Vale Malásia até a mineradora assinar um contrato de fretamento com a estatal chinesa Shandong Shipping Corporation no ano passado, tinha entrado pela última vez em um porto chinês em abril de 2013, na primeira entrada de um Valemax desde a proibição chinesa de 2012, embora não tenha ficado claro porque fora autorizado a entrar.

O Ministério dos Transportes e a Vale China não retornaram pedidos para comentar quando contatadas pela Reuters nesta sexta-feira.

A incapacidade da Vale de atracar seus grandes cargueiros de minério de ferro nos portos chineses frustraram suas tentativas de reduzir custos de frete e competir com rivais australianas como a BHP Billiton e a Rio Tinto, que estão mais perto de China.

(Reportagem de Brenda Goh)

45-10/10/2014

Até novatos estudam ferrovias, mas interesse real ainda é incerto

Por **Fábio Pupo** | De São Paulo

O processo de concessão de ferrovias no Brasil atraiu o interesse de vinte grupos - até companhias novatas no setor entraram na disputa. É o caso, por exemplo, de JSL (logística), Votorantim (de metais), Norsk Hydro (alumínio) e J&F (dona da produtora de proteínas JBS). Apesar disso, em grande parte os estudos das empresas ainda nem

começaram e executivos já comentam: vão pedir ao governo adiamento do prazo para entregar os levantamentos.

A autorização do Ministério dos Transportes, concedida em agosto, se refere a seis trechos (veja o mapa). As empresa podem oferecer, em até oito meses, seus levantamentos finais ao Planalto para embasar os editais de licitação. O governo deu essa responsabilidade às companhias depois de os estudos originalmente encomendados por Brasília sofrerem críticas da iniciativa privada por supostamente terem investimentos subestimados.

Ao todo, 71 autorizações foram concedidas e, em cada trecho, há de nove a 14 grupos autorizados. Mas só um levantamento será escolhido pelo governo em cada lote. Os levantamentos devem incluir estudos básicos, de projeto, de impacto ambiental, de orçamento e de cronograma físico dos empreendimentos. Posteriormente, o ganhador da futura concessão terá que remunerar quem fez o estudo do trecho. O custo de cada levantamento, de até R\$ 20 milhões, é um limitador. Apesar das várias autorizações, as empresas não são obrigadas a fazer ou entregar os projetos (alguns executivos mencionam que haverá apenas quatro ou cinco estudos por trecho).

De qualquer forma, a lista revela quem está interessado no setor - apesar de ninguém ainda cravar a participação como futuro concessionário.

Fernando Simões, presidente da JSL (antiga Júlio Simões Logística), é um dos que estão envolvidos no processo. Em entrevista ao **Valor**, ele diz que a empresa não atua em ferrovias atualmente, mas que tem "obrigação" de avaliar as oportunidades no setor. Com faturamento consolidado de R\$ 5,2 bilhões em 2013, a companhia pediu para estudar os seis lotes disponíveis (e foi autorizada em todos os casos) e agora vai dar prioridade sobre os que têm mais demanda. "Nós percebemos que, em alguns desses lotes, há clientes atuando na região. Em outros casos, há potenciais clientes. Observamos oportunidades e agora estamos avaliando se vamos estudar e em quais lotes vamos fazer os estudos", diz o executivo, mencionando eventuais clientes industriais e de agronegócio como potenciais usuários de seus trechos.

Simões lembra que as ferrovias ainda estão em processo de avaliação pela companhia - a JSL pode ou não atuar no setor. Ainda assim, ele não descarta virar um investidor (concessionário) do modal. "A JSL é feita de unidades de negócio em que você faz investimentos desde que haja viabilidade econômico-financeira e que tenha uma demanda garantida. E a ferrovia não deixa de ser um negócio com essa vocação", afirma. Mesmo assim, e mesmo tendo em conta que a demanda de cada trecho é garantida pelo Estado, Simões diz que - caso vire investidor de ferrovias - vai dar prioridade a trechos que tenham um interesse natural do mercado. "Não tem negócio saudável que se sustente só do governo", diz.

A Norsk Hydro, de origem norueguesa, também está autorizada a estudar e tem interesse específico na ferrovia entre Açailândia (MA) a Barcarena (PA). No Pará, a

companhia hoje extrai bauxita na cidade de Paragominas e depois a encaminha para refino e produção de alumínio primário em Barcarena. Segundo o vice-presidente executivo da Hydro, Alberto Fabrini (responsável pela área de bauxita e alumina), a companhia quer atuar futuramente como usuária da ferrovia.

"Nosso interesse em apoiar este trecho vai ao encontro de nossas necessidades em relação ao minério que é lavrado em Paragominas e transportado até Barcarena, tornando-nos assim uma das principais usuárias da ferrovia, não apenas para o transporte de bauxita, como de outros insumos", diz Fabrini por e-mail. Segundo o executivo, o trecho também atenderia à nova fábrica em Barcarena da Cia. de Alumina do Pará (CAP), "que está on hold (espera) em razão da atual situação do mercado do alumínio no mundo". Atualmente, a companhia diz estar em busca de parcerias para contribuir "com um estudo de engenharia de alta qualidade, para tornar viáveis técnica e economicamente a concessão e a operação da ferrovia".

Outra interessada (no mesmo trecho) é a Votorantim. O grupo se diz "potencial usuário" da Ferrovia Norte-Sul, que atenderá o município de Rondon do Pará (PA). Lá, a empresa possui o projeto Alumina Rondon (empreendimento de refinaria integrada de alumina e mina de bauxita que tem previsão de iniciar operação em 2017). Em fase de licenciamento ambiental, é um dos principais investimentos do grupo no Brasil. "O interesse da empresa se deve às vantagens competitivas que o modal ferroviário dará ao empreendimento e à região sudeste do Estado do Pará", informou por meio de uma nota. Cada empresa pode tentar influir no traçado dos trechos para atender suas respectivas demandas. Tanto Norsk Hydro como Votorantim se mostram interessadas em ser usuárias, e não concessionárias.

Já a empreiteira Galvão Engenharia está associada à Mendes Júnior e à Promon Engenharia nesta etapa. "Acreditamos que temos as condições de fazer os melhores projetos", diz Carlos Fernando Namur, vice-presidente de infraestrutura da Galvão. O grupo selecionou dois trechos para estudar, com a justificativa que conhece as regiões: Belo Horizonte (MG) a Guanambi (BA) e Estrela D'Oeste (SP) a Dourados (MS). Este último trecho atrai atenção especial. "É uma ferrovia bastante necessária. Imaginamos que seja uma prioridade [para o país]", afirma.

Além disso, a Galvão confirma o interesse em disputar os futuros leilões de ferrovias. "Sem dúvida, queremos disputar outros também [além dos já estudados]", afirma. A licitação mais adiantada é a do trecho Lucas do Rio Verde (MT) a Campinorte (GO), que já tem estudos prontos e não é alvo de novos levantamentos. "Nós estamos acompanhando de perto, porque é um esforço danado de investimento. Dependendo das condições, temos interesse [nessa linha]", diz. A empresa ainda espera, por exemplo, que o governo adicione mais garantias de pagamento do Estado à companhia investidora.

Dona da maior produtora de proteínas do mundo, a J&F Investimentos também não atua em ferrovias, mas está na lista dos novos interessados. Nesta fase, ela participa em sociedade com Carioca Christiani-Nielsen Engenharia e Concremat Engenharia e

Tecnologia. A J&F começou a disputar com mais frequência ativos em infraestrutura. Já está em energia e disputou neste mês (mas não ganhou) a rodovia dos Tamoios (em São Paulo). Conforme apurou o **Valor**, a empresa tem interesse em ser concessionária de ferrovias.

Também estudam o setor empresas como Triunfo Participações e Investimentos, EDLP, Alusa Engenharia, Queiroz Galvão, Andrade Gutierrez, CR Almeida e Progen. O governo já tem um lote pronto para a concessão, mas ainda não o lançou. Está à espera de interessados. Sem estar credenciada para estudos, a Camargo Corrêa analisa de perto o primeiro leilão.

46-10/10/2014

DNPM participa do primeiro índice da qualidade regulatória da CNI

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) lançou, em conjunto com cerca de 500 representantes empresariais, em setembro deste ano, a publicação Mapa Estratégico da Indústria 2013-2022. O Mapa Estratégico da Indústria 2013-2022 tem dois significados. O primeiro, e mais importante, é a reiteração do papel da indústria no processo de desenvolvimento do país. A indústria pode ser maior e melhor. O segundo significado é a crença em uma visão de longo prazo.

O DNPM, como outras instituições e agências reguladoras, foi escolhido para participar da publicação porque provou ser um canal mais direto para reunir informações relevantes. Nesse sentido, uma vez que as instituições foram identificadas, um questionário foi elaborado e circulou para trinta instituições com poderes regulatórios, cobrindo todas as áreas de políticas públicas da administração federal brasileira. Dezenove instituições responderam ao questionário, que equivale a uma taxa de respostas de 64 por cento. A pesquisa durou de setembro a novembro de 2013.

A publicação é uma visão da indústria para o país. Assim, o manual apresenta os dez fatores-chave que podem aumentar a produtividade e a competitividade, além de indicar os caminhos para o Brasil aproveitar as oportunidades e vencer os obstáculos que vão surgir na próxima década. "O grande desafio é elevar os níveis de produtividade e eficiência, atuando nos fatores-chave de competitividade. O Mapa é uma cruzada pela produtividade", destacou o diretor Políticas e Estratégia da CNI, José Augusto Fernandes.

Para desenhar o Mapa, o setor industrial considerou as mudanças existentes no país e no mundo nos últimos anos, como os desafios que a inovação e a difusão de novas tecnologias trazem para o setor produtivo, o fortalecimento do mercado interno brasileiro, o crescimento dos países emergentes, entre outros.

DNPM - Assessoria de Comunicação Social

47-10/10/2014

SONDAGEM DA JAGUAR OBTÉM 15GPT DE OURO EM TURMALINA

A Jaguar Mining identificou várias interseções de alto teor na mina de ouro Turmalina, de sua subsidiária Mineração Turmalina, em Minas Gerais, a partir de uma sondagem de profundidade maior realizada em áreas onde a mineradora já tinha pesquisado. A mineradora destacou uma interseção de 19 metros com teor de 15,32 gramas de ouro por tonelada.

De acordo com o comunicado enviado ao mercado na última quinta-feira (09/10) pela mineradora, todas as interseções que foram destacadas são mais profundas em relação à área em que a Jaguar realiza atividades subterrâneas, chamada de “Orebody A”.

Entre os resultados divulgados, outros dois furos apresentam teor superior a 10 gramas de ouro por tonelada. O FTS1082 identificou interseção de 3,7 metros com teor de 13,71 gramas de ouro por tonelada, e o FTS1082 apontou interseção de 3,2 metros com teor de 14,72 gramas de ouro por tonelada.

“Essas interseções ilustram a continuidade do Orebody A [corpo mineral] de Turmalina em profundidade e, em particular, a continuidade da largura da zona de alto teor. O potencial para minerar material em teores que são bem mais altos do que aqueles que estamos utilizando agora é primordial para a rentabilidade futura da Jaguar no atual cenário de preço do ouro”, disse George Bee, CEO da Jaguar.

A Jaguar também divulgou resultados de furos de sondagem que assinalaram altos teores de ouro. No entanto, tratam-se de interseções que estão em maior profundidade, a cerca de 50 metros dos recursos inferidos de Turmalina. O FTS1088, por exemplo, identificou interseção com teor de 27,17 gramas de ouro por tonelada no intervalo de 145,3 metros a 146,7 metros.

A mineradora disse que o relatório técnico NI 43-101 de Turmalina está programado para ser divulgado no primeiro trimestre do ano que vem e vai agregar todos os dados de sondagem que foram obtidos até junho de 2014.

“Esses resultados positivos são apenas um pequeno passo no nosso caminho para melhorar os resultados operacionais da Jaguar. Ainda temos muito a fazer em cada uma de nossas minas em operação, mas, em especial, recuperar o atraso na definição, sondagens e no desenvolvimento da mina, fatores que foram afetados pelos desafios de liquidez antes da Jaguar reestruturar suas dívidas e se recapitalizar”, afirmou Bee.

No segundo trimestre deste ano, a mina Turmalina foi a operação com melhor desempenho da Jaguar, tendo produzido 13.190 onças de ouro no período. O volume é 27,5% superior na comparação com abril a junho do ano passado, quando foram produzidas 10.345 onças. Em 2013, a mina produziu 43.425 onças.

A Jaguar possui, além de Turmalina, as minas Caeté e Paciência, em Minas Gerais, por meio das subsidiárias Mineração Serras do Oeste (MSOL), Mineração Turmalina (MTL) MCT Mineração; e o projeto Gurupi, no Maranhão. A mina Paciência está paralisada e em manutenção desde 2012, sem projeção para retomar a produção.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

48-10/10/2014

ANGLO AMERICAN VAI VENDER ATIVOS NO CHILE E NO BRASIL

A gigante Sul-Africana está se preparando para uma nova fase quando irá concentrar em ativos mais relevantes.

No momento a Anglo está estudando a venda de jazimentos de cobre no Chile como Mantos Blancos, Mantoverde e El Soldado. A mineradora pretende manter e ampliar a sua presença através dos seus depósitos Los Bronces e Collahuasi.

No Brasil a ideia é vender ativos minerais em Barro Alto.

Fonte: Geólogo

